

A CONSTRUÇÃO DE UM INSTRUMENTO DE MEDIDA PARA O FATOR
NEUROTICISMO / ESTABILIDADE EMOCIONAL DENTRO DO MODELO DE
PERSONALIDADE DOS CINCO GRANDES FATORES.

Carlos Henrique Sancineto S. Nunes

Dissertação apresentada como exigência parcial
Para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia
Sob a orientação do Prof. Dr. Claudio Simon Hutz

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento
Porto Alegre, Novembro de 2000.

SUMÁRIO

Sumário de Tabelas	4
Sumário de Figuras	5
Resumo	6
Abstract	7

Capítulo

I. INTRODUÇÃO

1.1 História e Desenvolvimento do Modelo dos Cinco Grandes Fatores	8
1.2 Personalidade, sua avaliação e os CGF	12
1.3 O que são os Cinco Fatores de Personalidade	17
1.4 Definição de Fator N – Neuroticismo	20

DESCRIÇÃO DO PROJETO

II. ESTUDO I

2.1 Introdução	24
2.2 Elaboração dos Itens	24
2.3 AVALIAÇÃO DO INSTRUMENTO	
2.3.1 Participantes	28
2.3.2 Procedimento	29
2.3.3 Análise dos Dados e Resultados	30

III. ESTUDO II	
3.1 Introdução	44
3.2 MÉTODO	
3.2.1 Participantes	45
3.2.2 Instrumentos utilizados	45
3.2.3 Procedimento	54
3.2.4 Resultados e Discussão	55
3.2.5 Outras evidências de validade	58
IV CONCLUSÕES	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	63
ANEXOS	
A - Descrição da amostra por curso	69
B - Anova dos escores por local de aplicação	70
C - Anova dos escores das escalas por sexo	71
D - Termo de consentimento informado	72

SUMÁRIO DE TABELAS

Tabela 1	Propriedades das sub-escalas do Fator N	35
Tabela 2	Listagem dos itens que compõem as escalas do Fator N	36
Tabela 3	Correlações entre as sub-escalas do Fator N	39
Tabela 4	Percentis das sub-escalas do Fator N	39
Tabela 5	Médias dos escores obtidos por local de aplicação	40
Tabela 6	Médias dos escores obtidos por sexo dos participantes	40
Tabela 7	Correlações entre as escalas do Fator N e outros testes	59

SUMÁRIO DE FIGURAS

Figura 1	Eigenvalues	35
Figura 2	Distribuição de Respostas de N	41
Figura 3	Distribuição de Respostas de N1	41
Figura 4	Distribuição de Respostas de N2	42
Figura 5	Distribuição de Respostas de N3	42
Figura 6	Distribuição de Respostas de N4	43

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo construir e validar uma escala para a avaliação do Fator Neuroticismo / Estabilidade emocional. Neuroticismo é uma dimensão da personalidade humana, no modelo dos Cinco Grandes Fatores, que se refere ao nível crônico de ajustamento e instabilidade emocional. Um alto nível de Neuroticismo identifica indivíduos propensos a sofrimento psicológico que podem apresentar altos níveis de ansiedade, depressão, hostilidade, vulnerabilidade, autocrítica, impulsividade, baixa auto-estima, idéias irrealistas, baixa tolerância à frustração e respostas de *coping* não adaptativas.

No primeiro estudo deste projeto foram gerados os itens da escala e avaliadas as suas qualidades psicométricas e validade de construto. Os participantes foram 792 estudantes universitários de três estados brasileiros. O segundo estudo teve como objetivo verificar a validade concorrente do instrumento. Participaram 437 estudantes universitários. Os resultados mostraram que o instrumento e as quatro subescalas identificadas através da análise fatorial apresentam qualidades psicométricas adequadas. As correlações entre o instrumento e testes para avaliar ansiedade, depressão, bem estar subjetivo, auto estima e neuroticismo (EPQ) indicaram que a escala construída está avaliando adequadamente as diferentes facetas do construto Neuroticismo.

ABSTRACT

The objective of the present study was to develop and validate a scale to assess the factor Neuroticism / Emotional Stability. Neuroticism is a human personality dimension of the Big Five Factors model, which deals with the chronic level of adjustment and emotional instability. It is believed that an individual who scores high in Neuroticism may be prone to psychological suffering and present high levels of anxiety, depression, hostility, vulnerability, self-criticism, impulsivity, low self-esteem, unrealistic ideas, low tolerance to frustration, and non-adaptive coping responses. In Study I, scale items were generated and their psychometric qualities and construct validity were evaluated. Participants were 792 university students from three Brazilian States. The objective of Study II was to verify the concurrent validity of the scale. Participants were 437 university students. The results revealed that the scale and the four subscales that were identified through factor analysis presented adequate psychometric properties. The correlations between the instruments and tests that assess anxiety, depression, subjective well-being, self-esteem, and neuroticism (EPQ) indicated that the scale is adequate to assess the different aspects of the construct Neuroticism.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo foi desenvolver e validar uma escala de personalidade em português, referente ao fator denominado Neuroticismo / Estabilidade Emocional dentro do modelo dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade (Digman, 1990; Goldberg, John, 1990; 1992; Tupes & Christal, 1961).

1.1 História e Desenvolvimento do Modelo dos Cinco Grandes Fatores

Há muito se têm trabalhado com o conceito de personalidade baseado em dimensões multifatoriais e, desde o início deste século, diversos modelos foram elaborados. Pesquisas realizadas por McDougall na década de 30 já mencionavam uma compreensão da personalidade em cinco dimensões principais. Em 1934, Thurstone realizou um extenso estudo tendo em base esta proposta e constatou que os descritores de traços de personalidade, que havia utilizado para avaliar 1.300 pessoas, agrupavam-se em cinco dimensões. Apesar do resultado positivo destes trabalhos, eles permaneceram muito tempo sem reconhecimento algum, enquanto que outros modelos acabaram prosperando, como o modelo de Cattell (1946) ou o de Eysenck (1967).

Em 1961, Tupes e Christal, ao realizarem a reanálise dos dados utilizados nas pesquisas de Cattell (1946) relativas à construção do 16-PF, verificaram que uma solução de cinco fatores seria mais adequada. Apesar deste trabalho – e da sua replicação mais conhecida, realizada por Norman (1963) – a importância desses cinco fatores continuou obscura para a maioria dos pesquisadores da personalidade nas décadas de 1960 e 1970.

Porém, na década de 1980, pesquisadores de diversas tradições foram levados a concluir que estes fatores eram dimensões fundamentais da personalidade, encontradas em instrumentos de autodescrição nas línguas naturais, e em instrumentos construídos a partir de teorias diversas, em variadas amostras (McCrae & John, 1992).

Instrumentos como o 16-PF, o MMPI, a escala de Necessidades de Murray, as escalas de Comrey, entre outros, foram desenvolvidos tendo como base diversas teorias da personalidade e propõem modelos de entendimento da personalidade humana de acordo com um variado número de dimensões. Contudo, quando estes instrumentos são submetidos a Análises Fatoriais, soluções com base em cinco fatores são encontradas.

Os teóricos que defendem o modelo dos CGF argumentam que estes fatores, singularmente ou em combinações, podem ser achados em virtualmente todos os instrumentos de personalidade, e vários autores compilaram tabelas mostrando as hipotéticas correspondências das escalas ou fatores de personalidade habituais com os CGF (por ex., Costa & McCrae, 1995; Digman, 1990; Hogan, 1983; John, 1990). Estas tabelas podem ser úteis não somente como uma demonstração da natureza e generalidade dos Cinco Grandes Fatores, mas também para pesquisadores e meta-analistas que necessitam identificar medidas alternativas dos mesmos construtos fundamentais.

Deve-se acrescentar ainda que o desenvolvimento dos CGF de personalidade ocorreu, principalmente, por uma série de achados empíricos, que foram tornando-se mais claros e confiáveis com o desenvolvimento das técnicas de análises fatoriais e com o desenvolvimento da computação. Possivelmente, por este motivo, o modelo dos CGF eventualmente é citado como um mero achado estatístico ou como sendo fruto de “empirismo raso”. Pode-se argumentar, contudo, que independentemente do fato do modelo ter se desenvolvido primordialmente por procedimentos empíricos, estes têm se mostrado consistentes e inegavelmente estáveis em diferentes amostras. Se, por um lado, os achados obtidos a partir da “corrente léxica”

foram os responsáveis pela consolidação do modelo, por outro, as bem sucedidas correspondências entre os CGF e os instrumentos criados a partir de pressupostos teóricos podem significar um grande avanço para a compreensão do significado teórico do Modelo.

Estudos transculturais também foram realizados para verificar se os CGF são encontrados em diferentes línguas e sociedades. McCrae & Costa (1997), usando a tradução da versão revisada do NEO-PI (um instrumento para a avaliação da personalidade criado a partir do modelo dos CGF) para seis línguas diferentes (Alemão, Português, Hebreu, Chinês, Coreano e Japonês), constataram que em todas as versões do instrumento foi possível a compreensão dos dados a partir do modelo dos Cinco Grandes Fatores.

Com base nestes resultados e em um acúmulo substancial de outras evidências, foi proposta a hipótese de universalidade dos Cinco Grandes Fatores. É argumentado que a universalidade pode ser atribuída à existência de um conjunto de características biológicas da nossa espécie, representadas por traços, ou pode representar simplesmente uma consequência psicológica das experiências humanas compartilhadas da vida em grupo (McCrae & Costa, 1997).

Estudos transculturais anteriores, com base neste modelo, foram realizados com êxito em diversas línguas, entre as quais em alemão (Bokenau & Ostendorf, 1990), japonês (Bond, Nakazato & Shiraishi, 1975), chinês (Yang & Bond, 1990) e hebraico (Birenbaum & Montag, 1986). Raad (1998) realizou um estudo comparando oito conjuntos de descritores de traços de personalidade, em diferentes línguas, organizados dentro do modelo dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade, demonstrando que tal modelo é adequado para explicar os resultados encontrados nestes trabalhos. Contudo, o autor salientou que houve uma diferença aparente no conteúdo do quinto fator (Abertura) para algumas línguas e isto parece ser ocasionado por diferenças culturais nessas sociedades.

No Brasil, um projeto com o objetivo de desenvolver e validar um instrumento de avaliação da personalidade com base neste modelo foi iniciado em 1997, tendo já identificado marcadores de traços de personalidade para os Cinco Fatores (Hutz, Nunes, Serra, Silveira & Anton, 1998).

O objetivo de construir e validar um instrumento de mensuração para a escala de Neuroticismo / Estabilidade Emocional reflete a necessidade de dar continuidade ao processo de desenvolvimento de um instrumento de avaliação da personalidade dentro do contexto dos CGF no Brasil, já que este parece ser o modelo que melhor provê uma taxonomia da personalidade humana, com contribuições para a área clínica, escolar, social e de pesquisa.

1.2 Personalidade, sua avaliação e os CGF

Personalidade e a sua avaliação, dentro das teorias fatoriais, estão intimamente ligadas com a linguagem natural e com os princípios básicos das Teorias de Traços. De acordo com estas teorias, a personalidade pode ser compreendida através de níveis hierárquicos de estruturas que delimitam e modulam o comportamento humano. As nomenclaturas destes níveis variam de acordo com os diferentes autores que trabalham com personalidade dentro das teorias fatoriais. Os autores concordam, contudo, que a forma mais produtiva de investigação da personalidade dá-se no nível dos *traços de personalidade*.

Os *traços de personalidade* usualmente são descritos e identificados através dos *descritores de traços*, que são termos identificados na linguagem natural, capazes de representar e descrever importantes componentes do conjunto de comportamentos observados nos indivíduos em diferentes sociedades. Allport (citado por Marx & Hillix, 1973) definiu traço de personalidade como “Um sistema neuropsíquico (peculiar ao indivíduo), generalizado e focalizado, com a capacidade de tornar muitos estímulos funcionalmente equivalentes, de iniciar e guiar formas coesas (equivalentes) de comportamento adaptativo e expressivo”.

Diferentemente de características físicas, traços de personalidade são abstrações que não podem ser medidas diretamente. Uma proposta para a operacionalização da mensuração em personalidade apoia-se na hipótese léxica (Goldberg, 1981), que supõe que todas as diferenças individuais importantes estariam incluídas na linguagem natural falada. Neste caso, em algum ponto na evolução histórica da linguagem, descritores de traços seriam codificados a partir da criação de termos linguísticos. Assim sendo, decodificando estes termos, seria possível verificar a forma como estes se agrupam, o que pode dar uma importante indicação de quais seriam as dimensões básicas da personalidade.

Goldberg (1981) argumenta que se uma característica de personalidade for saliente, isto é, capaz de gerar diferenças individuais socialmente relevantes, as pessoas vão notar esta característica e, como ela é importante, vão querer falar sobre ela. Em consequência, uma palavra ou expressão terminará sendo inventada para descrever essa característica ou traço. Se esta característica continuar presente em uma dada sociedade, este termo terminará se perpetuando na sua linguagem falada. Desta forma, uma grande quantidade de descritores de traços seriam codificados na linguagem natural ao longo de seu desenvolvimento histórico. Para avaliar se a hipótese léxica está correta, análises da linguagem devem ser feitas para verificar se assim é conseguida uma taxonomia compreensiva dos traços de personalidade (McCrae & John, 1992).

Foi com base nestes princípios que surgiram os primeiros trabalhos sobre os Cinco Grandes Fatores (CGF). No início da década de 1930, McDougall sugeria que uma análise da linguagem ajudaria a entender a personalidade e propunha que ela poderia ser analisada a partir de cinco fatores independentes que, na época, foram denominados *intelecto, caráter, temperamento, disposição, e humor* (John, Angleitner & Ostendorf, 1988). Thurstone (citado por Costa & Widiger, 1993) realizou em 1934 uma análise fatorial de 60 descritores de traços e constatou que aqueles adjetivos poderiam ser agrupados adequadamente em cinco fatores.

Influenciado por este estudo, Baumgarten sistematizou um trabalho para examinar termos utilizados para descrever traços de personalidade na língua alemã. Esses trabalhos tiveram grande influência sobre Allport que, em conjunto com Odbert, conseguiu derivar 4.500 descritores de traços de personalidade de 400.000 palavras encontradas no *Webster's New International Dictionaire* (Briggs, 1992).

Como já mencionou-se anteriormente, a representação dos CGF na sua forma atual deve-se ao trabalho pioneiro de Tupes e Christal (1961) que reanalisaram os dados de Cattell

(1946) usados na construção do 16-PF e concluíram que uma solução de cinco fatores produziria o melhor modelo possível.

A partir das análises de Tupes e Christal (1961), Norman (1963) selecionou as quatro variáveis com as cargas fatoriais mais altas em cada uma das cinco dimensões. Usando escalas bipolares nestas 20 variáveis em quatro amostras, ele demonstrou que os mesmos cinco fatores poderiam ser recuperados em todas as amostras. Houve muitas críticas em relação a este estudo, primeiramente por ter utilizado somente os dados finais da pesquisa de Tupes e Christal (1961), e por que a escala construída continha um número pequeno de itens, o que reduzia sua fidedignidade. Ainda assim, as versões completas dessas 20 variáveis foram usadas como marcadores do CGF em alguns estudos transculturais por Gurthie e Benett (1971) e por Bond e seus colaboradores (Bond, 1979).

Devido às críticas recebidas, em 1967, Norman (citado por Briggs, 1992) trabalhou na seleção de um grupo abrangente de 2.800 descritores de traços de personalidade. Ele selecionou os adjetivos desta lista, usando critérios específicos para eliminar itens que eram de difícil compreensão, vagos, envolviam gíria ou com significados extremamente estereotipados. Depois os itens foram ordenados em cinco dimensões bipolares e novamente reordenados em categorias semânticas mais estreitas para cada uma das 10 posições dos fatores. Ele identificou 75 categorias semânticas ao longo de 10 pólos fatoriais descritos por 1.431 adjetivos.

O conjunto de 1.431 itens elaborado por Norman serviu como um ponto de partida para tentativas subsequentes de desenvolver um conjunto adequado de adjetivos marcadores de traços para os CGF. Destes, o mais importante foi o substancial programa de pesquisa de Goldberg (1982, 1990). A série de estudos de Goldberg é baseada em um conjunto de 1.710 adjetivos que incorporaram os 1.431 termos selecionados por Norman. Deste conjunto, Goldberg extraiu um número de medidas que são designadas para satisfazer as necessidades

dos pesquisadores em situações específicas. Foram selecionados, através deste trabalho, três grupos de marcadores de traços com características diferenciadas, sendo utilizáveis, portanto, em diferentes formas de mensuração.

É importante que se comente sobre a utilidade de marcadores de traços de personalidade. Eles representam termos da linguagem natural (usualmente adjetivos) que remetem a conteúdos que permitem identificar a estrutura básica na qual agrupam-se os traços de personalidade. Esses termos podem servir como ponto de partida para a construção das escalas da personalidade, as quais constituem medidas de diferenças individuais e permitem uma avaliação em aplicados contextos e em determinados grupos, com características conhecidas.

Os descritores de traços são termos utilizados por um grande número de pessoas de uma sociedade para descrever características recorrentes que representam atributos psicológicos. Os descritores de traços são referências dos *traços de personalidade*, desconsiderando o contexto social, clínico ou individual. Em contraste, os critérios que devem ser usados para avaliar a utilidade de escalas de personalidade são completamente diferentes, na medida que os indivíduos avaliados estarão inseridos em uma realidade particular e em contextos que serão importantes para a interpretação de suas respostas (Goldberg, 1992).

No momento, em um nível mundial, o maior conjunto de itens desenvolvidos para a avaliação da personalidade dentro dos CGF está no *NEO Personality Inventory* (NEO-PI), desenvolvido por Costa e McCrae (1985), que já dispõe de uma versão revisada – NEO-PI-R (Costa & McCrae, 1992). Este inventário possui escalas medindo cinco domínios distintos, denominados *Neuroticism* (Neuroticismo - Fator IV), *Extroversion* (Extroversão - Fator I), *Openness* (Abertura - Fator V), *Agreeableness* (Socialização - Fator II) e *Conscientiousness* (Realização - Fator III).

No Brasil, um conjunto de 64 marcadores de traços para os cinco fatores foi validado (Hutz e cols., 1998). Este trabalho foi de grande importância por ser uma evidência que cor-

robora a hipótese de universalidade dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade e abre espaço para a construção de um instrumento de mensuração da personalidade dentro deste modelo.

1.3 O que são os Cinco Fatores de Personalidade

Como já foi indicado anteriormente, o modelo dos Cinco Grandes Fatores é proveniente de um grande conjunto de pesquisas na área da personalidade, a partir da teoria fatorial e das teorias de traços de personalidade. A partir da teoria fatorial, que é identificada por uma metodologia de pesquisa peculiar e com base empírica, uma série de modelos concorrentes surgiram na segunda metade deste século.

Com o avanço das técnicas fatoriais e da computação, métodos mais sofisticados de localização e extração de fatores foram sendo desenvolvidos, e com isso, gradativamente, o modelo dos CGF foi sendo reconhecido como o que melhor explica as observações que foram feitas nas pesquisas na área da personalidade.

Apesar do fato de que o modelo dos CGF se desenvolveu à luz das metodologias empiricistas, este tem-se mostrado capaz de explicar os resultados obtidos em testes criados a partir de diversos modelos teóricos de personalidade. Esta “tradução” dos instrumentos teóricos para o modelo dos CGF tem permitido uma compreensão mais profunda do que representam seus fatores. Também é essa “tradução” que tem permitido uma comparação sistemática de diversos construtos que são avaliados por diferentes instrumentos, bem como uma melhor compreensão das diferenças e semelhanças das características avaliadas pelos mesmos.

Abaixo, uma breve descrição dos cinco fatores:

Fator I: Extroversão. Este fator refere-se a quantidade e intensidade das interações interpessoais preferidas, nível de atividade, necessidade de estimulação e capacidade de alegrar-se. Pessoas que são altas em Extroversão tendem a ser sociáveis, ativos, falantes, otimistas e afetuosas; enquanto que pessoas baixas em Extroversão tendem a ser reservadas (mas não necessariamente inamistosas), sóbrias, indiferentes, independentes e quietas. Introversos não

são infelizes ou pessoas pessimistas, mas eles não são dados a estados de espíritos exuberantes, o que caracteriza os extrovertidos (Costa & Widiger, 1993).

Fator II: Socialização. Socialização, bem como Extroversão, é uma dimensão interpessoal e refere-se aos tipos de interações que uma pessoa apresenta ao longo de um contínuo que estende-se da compaixão ao antagonismo. Pessoas que são altas em Socialização tendem a ser generosas, bondosas, afáveis, prestativas e altruístas. Ávidas para ajudar aos outros, elas tendem a ser responsivas e empáticas e acreditam que a maioria das outras pessoas querem fazer o mesmo e irão agir da mesma forma. Aqueles que são baixos em Socialização tendem a ser pessoas cínicas, não cooperativas e irritáveis, podendo também ser pessoas manipuladoras, vingativas e implacáveis (Costa & Widiger, 1993).

Fator III: Realização. Este fator representa o grau de organização, persistência, controle e motivação em alcançar objetivos. Pessoas que são altas em Realização tendem a ser organizadas, confiáveis, trabalhadoras, decididas, pontuais, escrupulosas, ambiciosas e perseverantes; por outro lado, pessoas que são baixas em Realização tendem a não ter objetivos claros, não são confiáveis, são preguiçosas, descuidadas, negligentes e hedonistas (Costa & Widiger, 1993).

Fator IV: Neuroticismo. Este fator refere-se ao nível crônico de ajustamento emocional e instabilidade. Alto Neuroticismo identifica indivíduos que são propensos a sofrimentos psicológicos e podem apresentar altos níveis de ansiedade, depressão, hostilidade, vulnerabilidade, autocrítica e impulsividade. Neuroticismo também inclui idéias irreais, baixa tolerância à frustração e respostas de coping não adaptativas (Costa & Widiger, 1993).

Fator V: Abertura. Este fator é muito menos conhecido que Neuroticismo e Extroversão e é frequentemente referido como *Intelecto*. Abertura não está de fato diretamente relacionada com inteligência, mas refere-se aos comportamentos exploratórios e reconhecimento da importância em ter novas experiências. Indivíduos altos nesta dimensão são curiosos, imaginati-

vos, criativos, divertem-se com novas idéias e com valores não convencionais; eles experienciam uma gama ampla de emoções mais vividamente do que pessoas *fechadas* (baixas em Abertura). Pessoas que são baixas em Abertura tendem a ser convencionais nas suas crenças e atitudes, conservadores nas suas preferências, dogmáticos e rígidos nas suas crenças; tendem também a serem menos responsivos emocionalmente (Costa & Widiger, 1993).

1.4 Definição de Fator N – Neuroticismo

Neuroticismo, também denominado simplesmente por N ou Fator N, refere-se ao nível crônico de ajustamento e instabilidade emocional. Neuroticismo representa as diferenças individuais para experienciar padrões emocionais associados a um desconforto psicológico (aflição, angústia, sofrimento, etc.), estilos cognitivos e comportamentais que seguem esta tendência (McCrae & John, 1992).

Um alto nível de Neuroticismo identifica indivíduos que são propensos a vivenciar mais intensamente sofrimentos emocionais. Também inclui idéias irreais, ansiedade excessiva ou dificuldade para tolerar a frustração causada pela não saciação de um desejo e respostas de *coping* mal adaptadas. Neuroticismo inclui escalas para ansiedade, hostilidade, depressão, auto-estima, impulsividade e vulnerabilidade (Costa e Widiger, 1993). Indivíduos com baixos índices de Neuroticismo não são necessariamente altos em saúde mental, porém o que pode ser definido é que eles são simplesmente calmos, relaxados, estáveis, menos agitados (McCrae & John, 1992).

O fator Neuroticismo foi popularizado graças ao trabalho de Eysenck na área da personalidade humana. O autor acredita que a personalidade adulta resulta da variação de três dimensões biologicamente influenciadas: extroversão, neuroticismo e psicoticismo (Eysenck, 1967; 1981).

Mesmo que o trabalho de Eysenck não esteja relacionado diretamente com o desenvolvimento de instrumentos a partir da “Tradição Léxica”, o modelo fatorial de Eysenck apresenta uma estreita relação com o modelo dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade. Um estudo foi realizado em 1994, no qual Goldberg e Rosolack pediram que Eysenck classificasse 100 dos marcadores de traços dos CGF dentro do seu modelo. A classificação dos 100 marcadores de traços, oriundos do modelo léxico, permitiu um mapeamento conceitual dos

construtos de Eysenck dentro do espaço dos Cinco Fatores. Este trabalho mostrou uma clara correspondência entre o *Fator N* de Eysenck e o fator Neuroticismo e Estabilidade Emocional dos CGF. A seguir, um trabalho empírico confirmou a correspondência esperada através de uma alta correlação entre os fatores (Costa & McCrae, 1995).

Diversas relações entre o Fator Neuroticismo e outras variáveis psicológicas foram estudadas nos últimos anos. Costa e McCrae (1980), por exemplo, concluíram que Extroversão é um bom preditor de afeto positivo e Neuroticismo um bom preditor de afeto negativo ao longo de um período de cinco anos. Diener e Lucas (1998) concluíram que escores de Extroversão e Neuroticismo foram capazes de prever o nível de Satisfação de Vida ao longo de um período de quatro anos. De acordo com esses autores, a avaliação da personalidade prediz Satisfação de Vida de uma forma mais eficiente que os eventos de vida. Afirmam ainda que os fatores citados são os que melhor explicam Bem Estar Subjetivo. Resultados semelhantes foram encontrados em pesquisas realizadas no Brasil em uma amostra de estudantes secundaristas e universitários (Hutz, Nunes, Serra, Silveira & Anton, 1999), indicando correlações significativas entre os fatores Neuroticismo e Extroversão e Bem Estar Subjetivo.

Há referências na literatura internacional de estudos em que foram encontradas correlações significativas entre Neuroticismo e estratégias de *Coping* de evitação; e de seu oposto – estabilidade emocional – com estratégias de *Coping* ativas (Medvedora, 1998). Da mesma forma, quando traços de personalidade foram agrupados de acordo com o Modelo dos CGF, Neuroticismo foi o preditor mais eficaz de satisfação de vida, felicidade e afetos negativos (DeNeve & Cooper, 1998).

Um grande conjunto de estudos tem encontrado evidências de que o modelo dos CGF mostra-se apto para explicar os Transtornos de Personalidade identificados nos manuais psiquiátricos. Widiger, Trull, Clarkin, Sanderson & Costa (1993), por exemplo, elaboraram uma tabela relacionando todos os transtornos de personalidade com os cinco fatores principais e as

suas sub-dimensões. De acordo com este estudo, o fator Neuroticismo apresenta uma estreita relação com a maioria dos transtornos de personalidade catalogados nestes sistemas categóricos.

Watson & Hubbard (1996) concluíram que Neuroticismo também desempenha um papel importante no processo de *coping*. Argumentam que vários estudos proveram evidências que escores de Neuroticismo têm um valor preditivo em relação à ocorrência de eventos de vida estressantes, mesmo quando estes eventos são objetivamente definidos. Resumindo, afirmam que “coisas ruins tendem a acontecer com aqueles que são altos em Neuroticismo” (p. 748). Justificam que, de alguma forma, aqueles que detêm altos escores em Neuroticismo criam problemas ativamente para eles mesmos. Os autores argumentam ainda que indivíduos com altos escores em Neuroticismo tendem a apresentar avaliações negativistas do ambiente, ou seja, tendem a interpretar estímulos ambíguos de uma forma negativa ou ameaçadora e, por este motivo, normalmente vêem ameaças, problemas e crises onde não existem.

DESCRIÇÃO DO PROJETO

Este trabalho foi dividido em dois estudos. O primeiro tem o objetivo de construir e validar um instrumento de avaliação do Fator N (Neuroticismo / Estabilidade Emocional) dentro do modelo dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade. O segundo estudo visou prover uma contribuição a esta área de pesquisa, verificando as relações entre os resultados do instrumento para avaliar o Fator N e outras variáveis psicológicas correlatas, como Bem Estar Subjetivo, Nível de Depressão, Auto-Estima e Nível de Ansiedade. Adicionalmente, foi administrado um outro instrumento para a avaliação da personalidade, que avalia virtualmente o mesmo construto coberto pela escala construída.

No primeiro estudo, foi necessário, em um primeiro momento, gerar itens que pudessem cobrir o construto representado pelo fator Neuroticismo em toda a sua amplitude. Uma série de procedimentos estatísticos foram utilizados para avaliar a qualidade destes itens, bem como a fidedignidade da escala geral e das suas sub-dimensões.

O segundo estudo consistiu na aplicação simultânea do instrumento elaborado no Estudo I com um conjunto de instrumentos que avaliam variáveis psicológicas que, de acordo com a literatura internacional, relacionam-se fortemente com o Fator N. Foi obtido um padrão de correlações esperado entre o instrumento elaborado e os diversos instrumentos administrados, o que representa uma evidência da Validade de Construto e Concorrente do mesmo.

CAPÍTULO II

ESTUDO I

CONSTRUÇÃO DE UMA ESCALA PARA A AVALIAÇÃO DO FATOR N / ESTABILIDADE EMOCIONAL

2.1 Introdução

O primeiro passo para a construção de um instrumento para a mensuração do fator N (Neuroticismo) dos CGF exigiu uma extensa pesquisa na literatura corrente em relação ao construto avaliado. As diferentes dimensões deste construto foram amplamente estudadas para que as suas faces fossem devidamente representadas no instrumento elaborado. Os itens foram construídos na forma de frases que descrevem atitudes, crenças e sentimentos e os participantes registraram em uma escala Likert de 7 pontos o quão adequada cada sentença era para descrevê-los.

2.2 Elaboração dos Itens

Um grande conjunto de referências sobre os CGF foi examinado, em um momento inicial, para que fossem conhecidas profundamente todas as faces representadas no construto do Fator N (por ex. Hutz e cols., 1998; Widiger e cols., 1993). A partir desta revisão na literatura, foi listada uma série de traços de personalidade que deveriam ser representados nos itens criados para avaliar o Fator N.

Os primeiros itens de N foram elaborados a partir do estudo de levantamento dos Marcadores de Traços dos CGF no Brasil (Hutz e cols., 1998). Não foi suficiente, contudo, a mera transformação dos adjetivos levantados no referido estudo na forma de asserções, pois tais

termos representavam traços de personalidade de uma forma muito ampla. Muitos dos descritores de traços de N, contudo, referem-se a variáveis psicológicas amplamente estudadas e conhecidas (como depressão, ansiedade, felicidade, etc.). Assim, um conjunto de itens do instrumento foi elaborado a partir das descrições de tais construtos, nos instrumentos que são usualmente utilizados para avaliá-los.

Vários estudos listados na literatura internacional (Digman, 1993; Widiger & Frances, 1993; Widiger e cols., 1993; Trull & McCrae, 1993) têm avaliado a relação entre a avaliação da personalidade a partir de sistemas dimensionais, como os CGF, e a avaliação a partir de sistemas categóricos, como o DSM-IV (American Psychiatric Association, 1994). Relações consistentes têm sido encontradas entre tais sistemas, e muitos dos transtornos de personalidade listados no DSM-IV apresentam características descritas pelo Fator N. A descrição de quadros de depressão e ansiedade foi de grande utilidade para a elaboração de itens para N, uma vez que se relacionam diretamente com casos em que indivíduos apresentam altos escores em sub-dimensões específicas do fator N. Também a análise dos sintomas relacionados com o Transtorno de Personalidade *Borderline* foi útil, pois este transtorno tem sido relacionado com altos níveis de Neuroticismo (Trull & McCrae, 1993).

É possível ainda justificar a consulta desta fonte para a geração de itens pelo fato de que, dentro do modelo dos CGF, a dimensão denominada Neuroticismo é a que melhor descreve atributos de personalidade que estão relacionados com uma falta de ajustamento emocional, bem como tendências a experienciar sentimentos de angústia, ansiedade, depressão, tristeza, etc., que estão frequentemente descritos por uma série de quadros e transtornos psicológicos que constam no DSM-IV. As diversas relações que podem ser observadas entre os transtornos de personalidade que constam no DSM-IV e DSM-III-R e os CGF de personalidade podem ser encontradas na literatura internacional (por ex., Widiger e cols., 1993).

Desta forma, foram criados itens que se relacionam com sintomas usualmente documentados com Ansiedade, Depressão, Episódios Maníacos, Transtorno de Personalidade Esquizóide, Esquizotípica, Anti-social, *Borderline*, Histriônica, Narcisista, de Esquiva, Dependente e Transtorno de Personalidade Obsessivo-compulsiva.

Uma ressalva deve ser feita, contudo, em relação à amplitude dos traços cobertos pelos itens construídos a partir dos sintomas dos quadros acima enumerados. Claramente, estes sintomas não podem ser compreendidos unicamente pela dimensão Neuroticismo. Muitos dos sintomas descritos como característicos do Transtorno de Personalidade Histriônica, por exemplo, podem ser explicados pelo fator I - Extroversão. Da mesma forma, muitos dos sintomas típicos do Transtorno de Personalidade Obsessivo-compulsiva podem ser explicados por altos escores no fator III - Realização. Ainda assim, itens que claramente não permaneceriam na versão final do instrumento para a avaliação de N foram estudados nas primeiras versões do questionário, pois poderão ser úteis para a posterior construção das escalas para os demais fatores de personalidade (Extroversão, Socialização, Realização e Abertura).

Apesar da grande variedade de traços que foram cobertos com os itens elaborados a partir dos marcadores de traço compilados para o Brasil (Hutz e cols., 1998) e do DSM-IV, alguns dos aspectos cobertos pelo construto do Fator N não foram contemplados. Por este motivo, foram consultados outros instrumentos utilizados, elaborados para avaliar o mesmo construto ou construtos correlatos com o Fator N. Em primeiro lugar, foi estudado um instrumento que avalia virtualmente o mesmo construto do Fator N, que é a escala de Neuroticismo do *Eysenck Personality Questionnaire* (adaptado para o Brasil por Gomes, comunicação pessoal). Também foi avaliado um conjunto de testes de Beck (BHS, BDI e BAI), que avaliam, respectivamente, Nível de Desesperança, Depressão e Ansiedade.

Após a elaboração da primeira versão dos itens, estes foram apresentados para oito pessoas, com diferentes níveis culturais (3 pessoas com segundo grau completo; 4 estudantes de

psicologia; 3 estudantes de nível superior em cursos variados e 2 pesquisadores na área da personalidade) para avaliar a compreensão dos itens pelos mesmos. Com esse procedimento, foi verificado que alguns dos itens eram confusos, incompreensíveis, ambíguos ou apresentavam outros problemas na sua construção. As questões que apresentaram problemas foram reelaboradas.

Adicionalmente, três “itens marcadores” foram elaborados para cada fator de personalidade, dentro do modelo dos CGF. Estes itens foram construídos a partir dos marcadores de traço desenvolvidos para o Brasil (Hutz e cols., 1998) e tinham a função de servir de referência para a posterior análise dos demais itens da escala (para verificar em qual fator eles se enquadravam mais adequadamente).

AVALIAÇÃO DO INSTRUMENTO PARA A MENSURAÇÃO DE NEUROTICISMO

2.3.1 Participantes

Participaram deste estudo 792 universitários de ambos os sexos, sendo que 31,5% eram de estudantes do sexo masculino e 68,5% do sexo feminino. Destes, 80% são estudantes de diversos cursos, matriculados na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e na UNISINOS. Foram avaliados ainda estudantes de duas Universidades de Salvador – BA (15,7%) e da Universidade Federal de Santa Catarina (4,3%). A idade da amostra variou entre 16 e 54 anos (com média de 21,90 anos e desvio padrão de 5,44 anos). O anexo A apresenta a distribuição da amostra, de acordo com o curso dos participantes. Os participantes da Bahia e em Santa Catarina foram testados por professores do curso de psicologia das universidades correspondentes e os questionários foram enviados para Porto Alegre por correio.

O número de participantes deste estudo foi calculado a partir do critério da “razão itens/sujeito”, usualmente utilizado para o cálculo amostral quando são necessárias Análises Fatoriais. De acordo com este critério, para que se possa realizar uma Análise Fatorial confiável, é importante que a amostra seja de *pelo menos* cinco vezes o número de itens da escala a ser avaliada. Como foram elaborados 144 itens, o número mínimo de participantes devia ser de 720 estudantes.

Foi solicitado aos participantes deste estudo consentimento informado, obedecendo as regras de conduta ética na pesquisa com seres humanos (Anexo D). Aos estudantes que desejaram, foi oferecida uma devolução da avaliação realizada a partir de seus questionários. Para tanto, foi pedido que preenchessem um campo específico, onde registraram seu número de matrícula ou CPF, possibilitando assim a posterior identificação do questionário correspondente. Todas as medidas necessárias para assegurar o sigilo e a confidencialidade dos dados foram tomadas.

2.3.2 Procedimento

Os estudantes foram testados coletivamente em sala de aula. Uma breve explicação foi dada sobre o objetivo do trabalho. Foi explicado que o sigilo dos resultados e o anonimato dos participantes seria mantido. A participação no estudo foi voluntária e não houve nenhum pagamento ou outras formas de indução para os participantes.

Dois exemplos foram dados com o objetivo de instruir os participantes sobre a utilização correta das escalas tipo Likert do instrumento. A escala é ancorada nas extremidades: “7” significa que o participante concorda plenamente que a sentença o descreve bem; “1” significa que a pessoa discorda completamente que a sentença descreva uma característica sua. A instrução específica era a seguinte:

“Se você acha que esta frase descreve muito bem suas opiniões, sentimentos ou atitudes, marque o 7. Se você acha que essa frase absolutamente não descreve bem suas opiniões, sentimentos ou atitudes, marque 1. Quanto mais você acha que esta frase é apropriada para descrevê-lo, mais próximo do 7 você deve marcar; quanto menos você acha que essa sentença é apropriada, mais próximo do 1 você deve marcar”.

2.3.3 Análise dos Dados e Resultados

Em um primeiro momento, foi feita uma análise fatorial exploratória (EFA) com um número determinado de cinco fatores para a extração. A idéia básica era que aqueles itens que não eram propriamente relacionados com o Fator N iriam agrupar-se adequadamente com os conjuntos de “itens marcadores” para os Fatores Extroversão, Nível de Socialização, Realização ou Abertura.

Tal expectativa não se confirmou, contudo. Isso ocorreu devido ao número grandemente desproporcional de itens que representavam o Fator N e o conjunto de descritores para os demais (ao todo eram aproximadamente 100 itens de N para 12 para os outros quatro fatores). Assim, estes marcadores não tiveram “força” para agrupar seus itens semelhantes, quando a análise deu-se com um número arbitrário de fatores.

A solução encontrada, então, para verificar quais itens correspondiam ao construto relacionado ao Fator N e quais representavam outros construtos foi realizar uma nova Análise Fatorial Exploratória, delimitando-se como critério de extração todo o fator com Eigenvalue maior que 1 (Kaiser, 1960). Como a maior parte dos itens criados supostamente representava o mesmo construto (o Fator N), considerou-se mais adequada a adoção da rotação *Direct Oblimin*, específica para a extração de fatores correlacionados.

A partir deste procedimento, foram extraídas 18 dimensões da escala original. Desta forma, foi possível verificar quais itens se agruparam com os marcadores dos fatores Extroversão, Nível de Socialização, Realização ou Abertura. Também foi observado como alguns dos componentes de N se dividiram a partir das suas especificidades. Itens de depressão, por exemplo, ficaram separados por indicadores de suicídio, desesperança, auto-estima, etc. Com tais informações, foi possível isolar somente os itens que propriamente representavam o Fator N, restando assim 107 itens.

Uma nova análise fatorial exploratória foi realizada, então somente com os itens propriamente de Neuroticismo. Um gráfico *Scree plot* (Figura 1) foi confeccionado para avaliar quantas seriam as dimensões que poderiam representar mais adequadamente a escala. A partir deste gráfico, soluções de 3 a 6 fatores pareciam ser viáveis (pelo critério de Cattell, 1966). Foram verificadas soluções fatoriais contemplando essas possibilidades, a partir de análises realizadas com a utilização do método de rotação *Direct Oblimin*.

Quando foram extraídas soluções com 5 e 6 fatores, algumas das dimensões apresentaram um número pequeno de itens e nenhum sentido teórico. Na solução de 3 fatores, ficou evidente que alguns itens característicos de ansiedade e vulnerabilidade acabaram agrupando-se com os itens de depressão, o que diminuiria a utilidade das escalas, bem como o seu sentido teórico.

A melhor solução encontrada foi com 4 fatores, denominados de *Vulnerabilidade, Desajustamento Psicossocial, Ansiedade e Depressão*, com *Eigenvalues* de 19.35, 5.21, 4.10 e 3.15, respectivamente. Essa estrutura fatorial tem sentido teórico e, a partir dessa análise, pode-se considerar que o instrumento apresenta validade de construto (Pasquali, 1999). Os itens que apresentavam cargas fatoriais superiores de 0,30 em mais de um fator foram eliminados da escala final, bem como aqueles que não apresentavam carga suficientemente alta (menores que 0,30) em nenhum fator. Na escala final restaram 85 itens, distribuídos nos sub-fatores já mencionados, e com as seguintes características:

N1 – *Vulnerabilidade*: este fator é composto por itens que descrevem medo de críticas, insegurança, baixa auto-estima, dificuldades em tomar decisões, medo de abandono das pessoas mais próximas, etc.

N2 – *Desajustamento psicossocial*: este fator contém itens que descrevem comportamentos sexuais de risco ou atípicos, adição ou consumo exagerado de álcool, hostilidade com pessoas ou animais, necessidade recorrente em chamar atenção, etc.

N3 – *Ansiedade*: este fator agrupa itens que descrevem sintomas somáticos de transtornos relacionados com ansiedade, irritabilidade, transtornos de sono, impulsividade, sintomas de pânico, mudanças de humor, etc.

N4 – *Depressão*: este fator agrupa itens relacionados com escalas de depressão, escalas de suicídio e desesperança.

São apresentados na Tabela 2 os itens que permaneceram na escala final, agrupados pelas dimensões as quais pertencem, em ordem decrescente de suas cargas fatoriais. A média e desvio padrão das escalas, bem como a sua fidedignidade, calculada a partir do Alfa de Cronbach, podem ser observadas na Tabela 1.

Como era previsto, foram encontradas correlações entre as quatro dimensões da escala (Tabela 3). O padrão de correlações obtido tem um sentido teórico, uma vez que confirma adequadamente a relação entre traços de personalidade que descrevem diferentes níveis de depressão, ansiedade, vulnerabilidade e padrões de desadaptação psicossocial.

Não é possível determinar ainda pontos de cortes para as escalas obtidas, uma vez que serão necessárias pesquisas adicionais para verificar quais são os escores que podem indicar distúrbios associados com Neuroticismo. Contudo, na Tabela 4 são apresentados os cálculos dos percentis para a escala geral do Fator N e das suas sub-escalas. Com essa informação, é possível comparar os escores de qualquer indivíduo com os resultados da amostra geral do Estudo I.

Também foram verificadas as médias das escalas, a partir do local da aplicação dos questionários (Tabela 5) e uma ANOVA (Anexo B) indicou que não há nenhuma diferença de média estatisticamente significativa entre os três locais de aplicação. Este resultado é muito importante pois, apesar de não contarmos com uma amostra representativa da população brasileira, se fossem encontradas diferenças entre os grupos, seria necessário descartar-se a possibilidade da criação de uma norma nacional, comum a todas as regiões do País. É necessário,

contudo, realizar-se inúmeros estudos adicionais, com diferentes amostras de variados níveis culturais e sócio-econômicos de todo o Brasil para que possamos considerar o instrumento válido para a população brasileira.

Na Tabela 6 é possível observar as médias das escalas, a partir do sexo dos participantes do Estudo I. Foi possível verificar que há diferenças significativas entre os escores levantados entre as mulheres e os homens, sendo que os últimos obtiveram escores significativamente menores na escala geral.

É possível verificar que os homens obtiveram resultados mais altos em Desajustamento Psicossocial, que avalia atributos como agressividade, comportamentos sexuais de risco e tendências anti-sociais. Por outro lado, as mulheres tiveram escores mais altos em N3, que é a escala que agrupa atributos que descrevem instabilidade, ansiedade, impulsividade, etc. O escore da escala geral apresentou diferenças significativas por sexo em decorrência dessas duas escalas. É importante que a amostra seja aumentada para que se possa ter certeza que tais diferenças se mantêm. Caso isso ocorra, a informação que homens apresentam níveis mais altos de desajustamento psicossocial e menores níveis de ansiedade que as mulheres é de grande importância para a psicologia. No Anexo C é possível verificar os resultados de ANOVAS relacionando os escores dos sujeitos a partir de seu sexo.

Foi realizada ainda uma verificação da distribuição das respostas da escala total do Fator N, N1, N2, N3 e N4 (mostradas nas figuras 2, 3, 4, 5, 6, respectivamente). Como pode-se observar, a distribuição da resposta para a escala geral do Fator N apresenta-se bem próxima a de uma distribuição normal. O fator N1 apresenta parâmetros que indicam sua distribuição próxima a normal, com Skewness de 0,47 e Kurtosis de - 0,23. Contudo, pode-se observar pela Figura 3 que existe uma queda da frequência de resposta justamente quando esta se aproxima da sua média. Não é possível ainda saber se tal anomalia diminuirá com o aumento da amostra ou se isto representa uma distribuição bimodal, o que pode indicar que o fator está

representando mais que um construto. A distribuição de N2 não é normal, o que faz muito sentido teórico, pois o fator é composto por características pouco observadas na população normal e seus itens são de baixa aderência. N3 apresenta virtualmente uma distribuição normal e N4, que é a escala de depressão, tem a sua moda deslocada para a esquerda, o que vai ao encontro dos resultados listados na bibliografia da área.

As análises realizadas no Estudo I indicam que a escala construída apresenta boas qualidades psicométricas, com sub-dimensões que fazem sentido teórico, que apresentam uma alta consistência interna e associam-se entre si de acordo com os pressupostos teóricos. É necessário fazer uma ressalva, contudo, no sentido de lembrar que os dados foram colhidos a partir de uma amostra de conveniência, que não é capaz de representar adequadamente a população brasileira ou nem mesmo a população gaúcha. O estudo realizado deve ser ampliado para amostras em todas as regiões do País e em diversas classes sociais e culturais para que se possa gerar tabelas nacionais.

Também é importante frisar que a simples constatação de que um dado instrumento psicológico apresenta boas qualidades psicométricas não é suficiente para que se garanta a utilidade do mesmo. Através de análises fatoriais foi evidenciado que o instrumento apresenta sub-dimensões que fazem sentido teórico (validade de construto), mas é necessário ainda investigar se o instrumento está realmente avaliando o construto esperado (validade concorrente) e se é capaz de discriminar grupos com características diferenciadas em relação ao aspecto avaliado (validade de critério). No estudo II, foi realizada uma verificação da validade concorrente do Fator N.

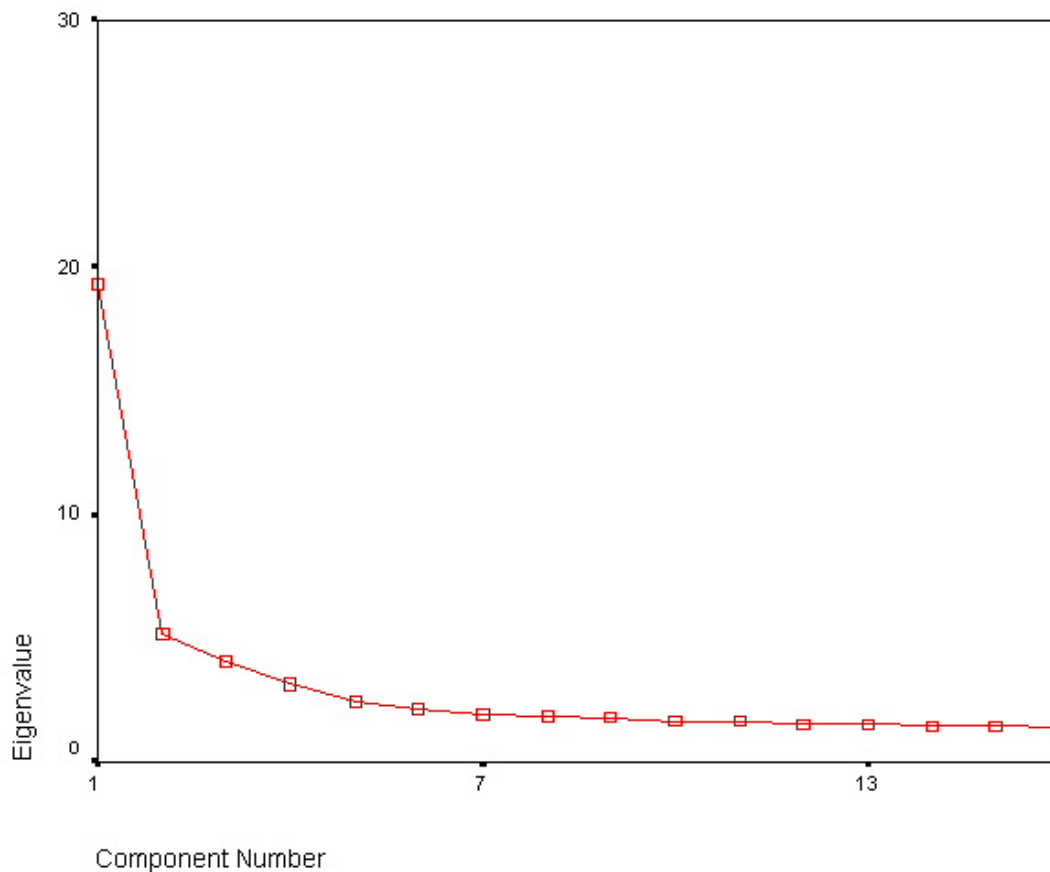


Figura 1 – Eigenvalues

Tabela 1 – Propriedades das sub-escalas do Fator N

	Média	Desvio Padrão	# de itens	Alfa de Cronbach	% var. explicada	Skewness	Kurtosis
N	265.18	74.48	85	0,94		0,58	0,12
N1	79.68	25,43	27	0,90	13.4	0,47	-0,23
N2	23,04	10,22	13	0,81	7.0	1,95	5,47
N3	69,83	22,16	23	0,87	11.2	0,47	-0,17
N4	46.56	18,26	22	0,89	11.2	1,42	1,97

Tabela 2 – Listagem dos itens que compõem as escalas do Fator N

Fator I – Vulnerabilidade

Item	Carga	Conteúdo
058	0,748	Não gosto de expressar as minhas idéias, pois tenho medo de ser ridicularizado.
024	0,677	Tenho dificuldade em expressar as minhas opiniões por achar que as pessoas não darão importância a elas.
001	0,614	Deixo de fazer as coisas que desejo por medo de ser criticado pelos outros.
046	0,588	Quando estou em grupo, prefiro não falar nada, pois sei que os outros acharão erradas as minhas opiniões.
096	0,582	Peço com frequência conselhos a amigos e conhecidos porque tenho muita dificuldade para tomar decisões.
067	0,579	Sou uma pessoa insegura.
025	0,546	Tenho muito medo que os meus amigos deixem de gostar de mim.
057	0,545	Sinto uma grande necessidade de ser ajudado pelos outros para levar adiante a minha vida.
089	0,545	Levo muito em conta o que as pessoas dizem ao decidir o que fazer.
036	0,536	Tenho muita dificuldade em tomar decisões na minha vida.
042	0,535	Geralmente faço o que os meus amigos e parentes querem, embora não concorde com eles, com medo de que se afastem de mim.
028	0,528	Acho que as pessoas não me consideram interessante.
004	0,512	Sinto-me muito mal quando recebo alguma crítica.
081	0,482	Só me aproximo de uma pessoa quando estou certo de que ela concorda com as minhas opiniões e atitudes, para evitar críticas ou desaprovação.
013	0,459	Me incomodo se pessoas conhecidas desaprovam alguma coisa que faço.
020	0,439	Sou capaz de qualquer coisa para que as pessoas não me deixem.
045	0,399	Evito aparecer em público, pois os outros podem pensar que sou ansioso, estranho ou muito diferente.
084	0,391	Por mais que me esforce, sei que não sou capaz de superar os obstáculos que tenho que enfrentar no dia a dia.
012	0,388	Sou capaz de fazer coisas que me desagradam para não perder as pessoas importantes para mim.
031	0,366	Gosto de ouvir elogios sobre minha aparência, me aborrecendo quando isto não ocorre.
053	0,364	Tenho dificuldade em me concentrar nas tarefas que estou fazendo.
073	0,347	Mudo os meus gostos e preferências com facilidade.
055	0,345	Não gosto do meu corpo.
069	0,324	Frequentemente me sinto perturbado por um intenso sentimento de culpa.
030	0,323	Sinto que não estou conseguindo mais me dedicar às minhas tarefas diárias (escolares, de trabalho, etc.) como antes.
052	0,323	Acho que estar bem vestido e com boa apresentação é mais importante do que qualquer outra coisa.
011	0,318	Frequentemente tenho ótimas idéias, mas elas são criticadas ou ignoradas por meus conhecidos.

Fator II – Desajustamento Psicossocial

Item	Carga	Conteúdo
078	0,695	Os meus amigos dizem que bebo demais
097	0,689	É possível que meu trabalho ou estudo esteja sendo prejudicado porque eu tenho bebido demais.
014	0,672	Os meus familiares reclamam que bebo muito.
022	0,652	Acho que estou bebendo muito ultimamente
034	0,518	Às vezes, após beber muito, não me lembro do que aconteceu.
050	0,502	Acho normal cometer algumas infrações para conseguir o que quero.
032	0,480	Às vezes, gosto de matar ou ver animais mortos.
095	0,461	Adoro ter envolvimento sexual que são diferentes daqueles que as pessoas em geral têm.
074	0,457	Quando sinto que as pessoas não estão me observando, faço algo para chamar a atenção.
093	0,445	Não acho errado enganar as pessoas se isso for necessário para atingir meus objetivos.
071	0,430	Gosto de envolvimento sexual incomuns.
035	0,411	Se for necessário mentir para conseguir alguma coisa, minto sem constrangimento.
010	0,349	Gosto muito de apostar ou jogar dinheiro, independente de quanto venha a perder.

Fator III – Instabilidade / Ansiedade

Item	Carga	Conteúdo
085	0,629	Com frequência, eu choro sem motivo.
015	0,611	Com frequência, passo por períodos em que fico extremamente irritável, me incomodando com qualquer coisa.
106	0,607	Com frequência, sinto vontade de chorar sem nenhum motivo aparente.
044	0,569	Às vezes passo por períodos em que me sinto extremamente feliz e eufórico, mas depois vêm períodos de profunda tristeza e sofrimento.
105	0,560	Meu humor varia constantemente.
065	0,528	Às vezes os meus pensamentos surgem tão rapidamente e intensamente que eu fico confuso.
048	0,526	Às vezes sinto que estou pensando muito rapidamente, sobre mais de uma coisa ao mesmo tempo, como se estivesse assistindo a vários programas de TV simultaneamente.
083	0,474	Sou uma pessoa nervosa.
009	0,460	Às vezes ouço vozes dentro da minha cabeça.
064	0,449	Sou uma pessoa irritável.
086	0,436	Às vezes, tenho acessos de raiva em que chego a ferir a mim mesmo.
102	0,421	Há ocasiões em que acho que posso fazer qualquer coisa que desejar.
063	0,379	Fico muito irritado quando alguém que estou esperando se atrasa, mesmo que seja por apenas alguns minutos.
033	0,379	Às vezes sinto medo de perder o controle sobre as minhas ações e fazer coisas imprevisíveis.
027	0,378	Com frequência, tenho sensações de tontura, vertigem ou desmaio.

049	0,375	Com frequência como muito, sem conseguir me controlar e parar de comer.
005	0,365	Quando falo comigo mesmo, é como se houvesse outra pessoa dentro de mim, discutindo e argumentando comigo.
003	0,361	Com frequência, sinto muita necessidade de falar com alguém, mesmo que seja com uma pessoa desconhecida.
087	0,355	Às vezes, sinto uma necessidade incontrolável de comprar qualquer coisa que vejo, mesmo que não tenha dinheiro para pagar.
017	0,354	Freqüentemente sinto que coisas muito ruins estão por acontecer, mesmo sem nenhum motivo aparente.
088	0,349	Sinto com frequência episódios de taquicardia (aceleração dos batimentos cardíacos).
008	0,332	Com frequência, sinto que tenho que sair imediatamente de onde estou, caso contrário algo muito ruim pode me acontecer.
082	0,311	Tenho fases em que fico dias sem dormir e me sentindo bem, cheio de energia.

Fator IV – Depressão

Item	Carga	Conteúdo
018	-0,638	Geralmente me sinto feliz.
054	0,613	Estou cansado de viver.
076	0,606	Sinto-me entediado com a vida.
075	0,597	Eu quase sempre me sinto triste e “vazio”.
080	0,587	Quase sempre me sinto desanimado, “na fossa”.
059	0,554	Tudo o que posso ver à minha frente é mais desprazer do que prazer.
098	0,553	Acho que a minha vida é vazia e sem emoção.
092	-0,528	Penso no futuro com esperança e entusiasmo.
040	0,494	Já pensei em cometer suicídio.
006	0,475	Com frequência, penso que a minha vida é ruim.
043	-0,456	Estou satisfeito comigo mesmo.
019	-0,421	Acho que a minha vida vai melhorar no futuro.
103	-0,406	Sinto prazer em tudo o que eu faço.
091	0,391	Sou uma pessoa solitária.
037	0,379	Não tenho nenhum objetivo a buscar na vida.
041	0,372	Já falei para outras pessoas que iria cometer suicídio.
047	-0,365	Espero ter sucesso no futuro.
077	0,360	Freqüentemente sofro de insônia.
039	0,356	Já tentei cometer suicídio.
023	-0,340	Quando as coisas vão mal, procuro pensar que elas não podem continuar assim para sempre.
062	0,320	Prefiro me distrair com atividades em que eu tenha pouco ou nenhum contato com outras pessoas.
070	0,318	Tenho uma grande dificuldade em dormir.

Tabela 3 – Correlações entre as sub-escalas do Fator N

	Fator N	N1	N2	N3
N1	r = 0,82* N =717			
N2	r = 0,36* N =712	r = 0,25* N =751		
N3	r = 0,90* N =717	r = 0,56* N =736	r = 0,36* N =745	
N4	r = 0,74* N =717	r = 0,60* N =740	r = 0,28* N =750	r = 0,48* N =734

* p < 0,01

Tabela 4 – Percentis das sub-escalas do Fator N

		Fator N	N1	N2	N3	N4
N	Válidos	716	759	769	756	759
	Missing	76	33	23	36	33
Percentis	10	172,00	47,00	13,00	43,00	26,00
	20	196,40	55,00	15,00	51,00	29,00
	30	217,00	61,00	16,00	56,00	32,00
	40	233,00	68,00	18,00	62,00	35,00
	50	251,00	76,00	20,00	67,00	38,00
	60	270,00	83,00	23,00	73,00	43,00
	70	296,90	90,00	26,00	80,00	50,00
	80	324,00	98,00	29,00	89,00	57,00
	90	365,60	112,00	35,00	101,00	73,00

Tabela 5 – Médias dos escores obtidos por local de aplicação

LOCAL		Fator N	N1	N2	N3	N4
Porto Alegre	Média	267,13	80,18	23,48	70,17	47,37
	N	571	604	611	601	600
	Desvio Padrão	75,81	25,60	10,61	22,47	18,68
Florianópolis	Média	247,87	70,58	21,89	68,86	41,03
	N	31	33	35	35	36
	Desvio Padrão	65,56	20,91	8,41	21,59	14,57
Salvador	Média	260,89	79,94	21,22	68,70	44,03
	N	113	120	120	117	122
	Desvio Padrão	69,71	25,38	8,31	20,91	16,51

Tabela 6 – Médias dos escores obtidos por sexo dos participantes

	Sexo	N	Média	Desvio Padrão	Média Padrão do Erro	Tamanho do efeito (d)
Fator N	F	467	267,94	75,12	3,48	0,28
	M	229	247,26	74,28	4,91	
N1	F	502	78,84	24,76	1,11	0,12
	M	236	75,67	25,63	1,67	
N2	F	513	21,78	9,26	0,41	0,38
	M	235	25,71	11,32	0,74	
N3	F	500	72,56	22,21	0,99	0,38
	M	235	64,12	20,92	1,36	
N4	F	505	44,06	18,86	0,84	0,04
	M	234	44,73	19,41	1,27	

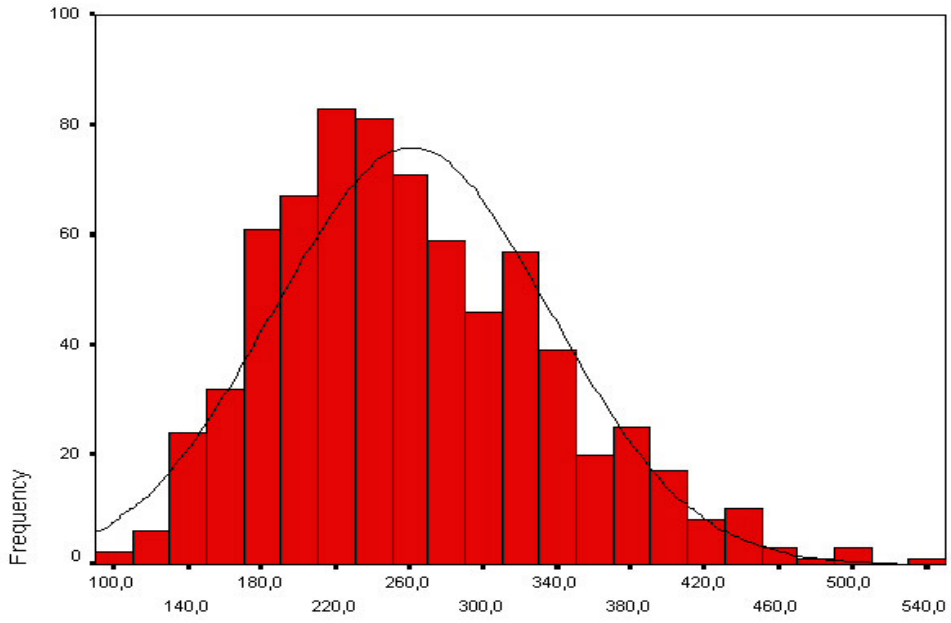


Figura 2 – Distribuição de Respostas de N

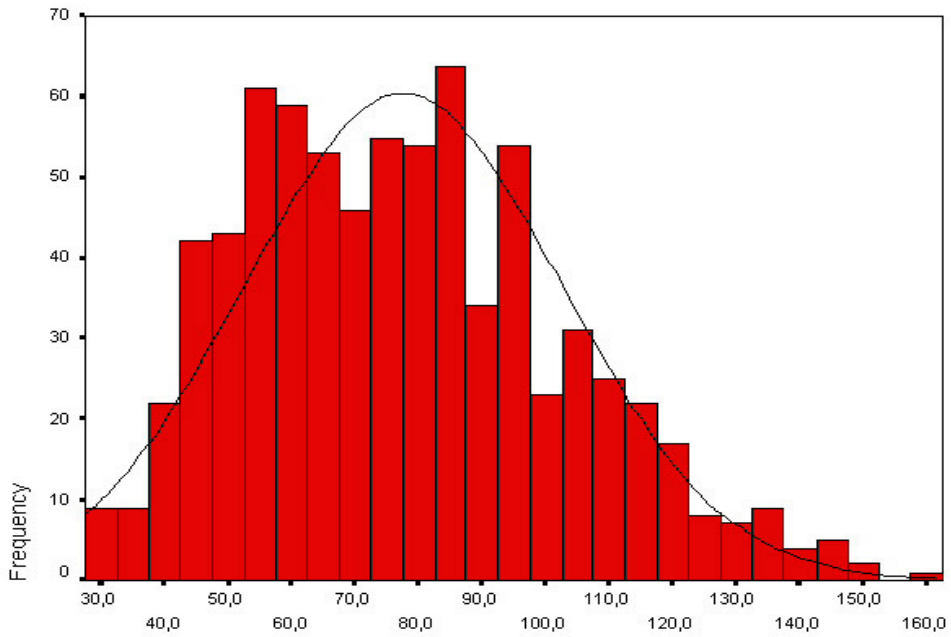


Figura 3 – Distribuição de Respostas de N1

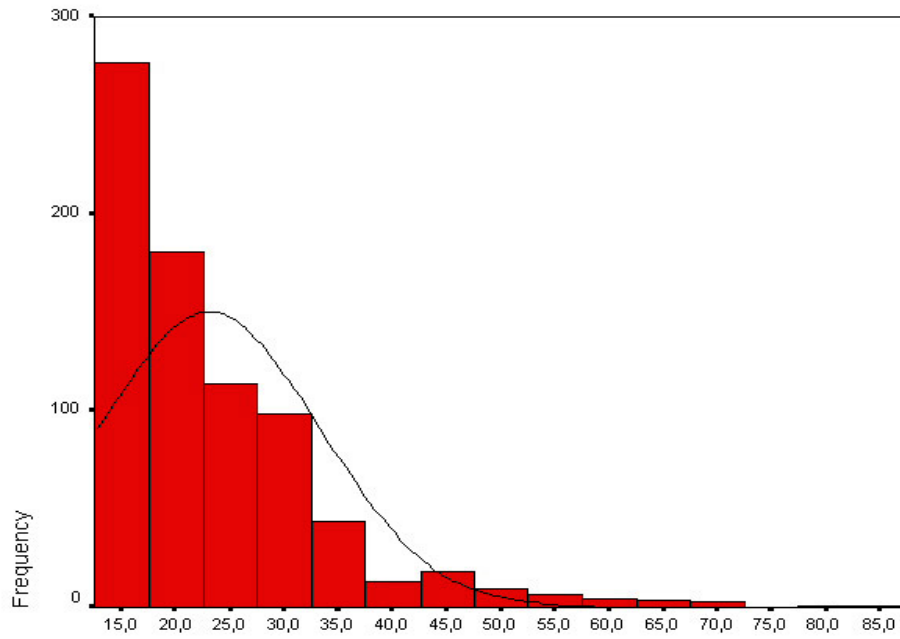


Figura 4 – Distribuição de Respostas de N2

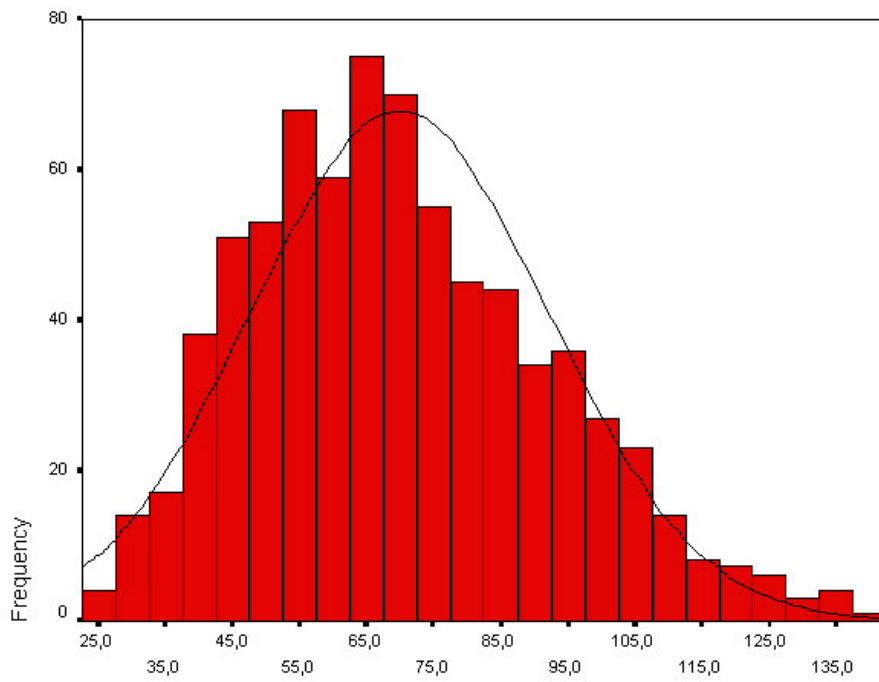


Figura 5 – Distribuição de Respostas de N3

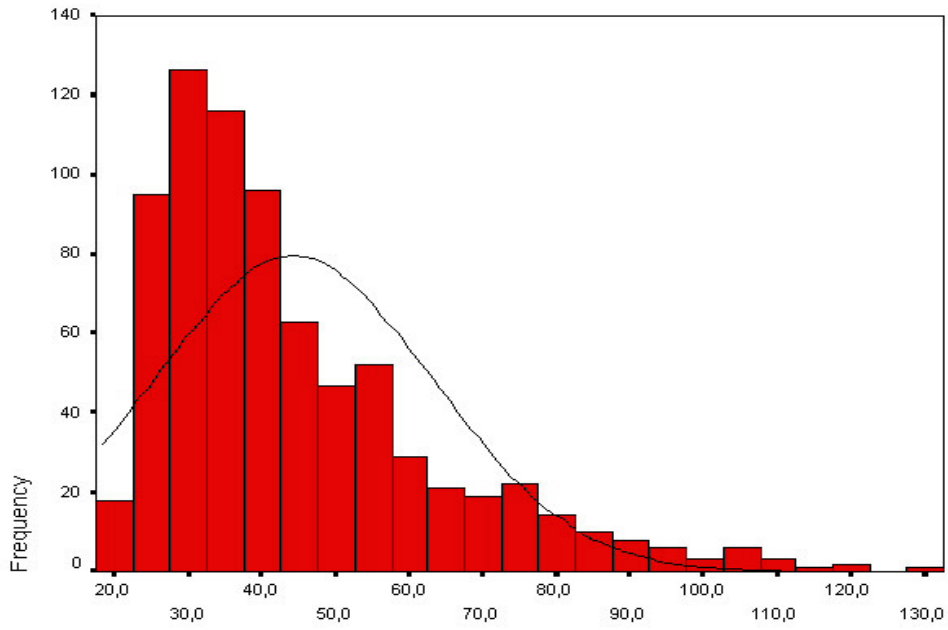


Figura 6 – Distribuição de Respostas de N4

CAPÍTULO III

ESTUDO II

RELAÇÃO ENTRE O INSTRUMENTO DE MEDIDA PARA NEUROTICISMO / ESTABILIDADE EMOCIONAL E OUTRAS VARIÁVEIS PSICOLÓGICAS

3.1 Introdução

Uma das formas usualmente utilizadas para verificar-se a validade de um instrumento psicológico é demonstrando que ele produz resultados comparáveis aos de outros instrumentos que avaliam os mesmos construtos ou construtos correlatos (validade concorrente). Existe no Brasil um conjunto de instrumentos adaptados e validados que possibilitaram a verificação da validade do instrumento desenvolvido para avaliar Neuroticismo / Estabilidade Emocional, dentro do modelo dos Cinco Grandes Fatores. Este estudo teve como objetivo investigar se o instrumento criado no Estudo I é capaz de produzir resultados compatíveis com os listados na literatura internacional, quando um conjunto de testes que avaliam diferentes facetas de Neuroticismo é administrado simultaneamente e seus resultados são comparados.

3.2 MÉTODO

3.2.1 Participantes

Participaram deste estudo 437 estudantes universitários de ambos os sexos (65% de mulheres e 35% de homens). Destes, 312 são estudantes de diversos cursos, matriculados na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e 125 são estudantes matriculados em diferentes disciplinas da UNISINOS. Foram escolhidas turmas de disciplinas básicas de ambas as Universidades, com o objetivo de contemplar o maior número de cursos quanto fosse possível. A idade dos participantes variou entre 16 e 52 anos (com média de 22,03 e desvio padrão de 5,33).

Os testes foram aplicados aos pares, sendo que todos os participantes responderam ao instrumento elaborado no Estudo I, para avaliar o Fator N. O EPQ foi respondido por 69 pessoas; o instrumento para a avaliação de Bem Estar Subjetivo foi respondido por 171 participantes; o BAI foi respondido por 53; o BDI por 53 e o Rosenberg por 91.

3.2.2 Instrumentos utilizados

Eysenck Personality Questionnaire (EPQ)

Para avaliar a validade concorrente do instrumento criado no Estudo I, foi realizada a sua aplicação simultânea com a escala de Neuroticismo do Questionário de Personalidade de Eysenck (EPQ), que já se encontra adaptada para o uso no Brasil (Gomes, comunicação pessoal) e avalia virtualmente o mesmo construto coberto pela escala de Neuroticismo do modelo dos CGF (Costa & McCrae, 1995).

O EPQ é um instrumento para a avaliação da personalidade construído a partir da teoria fatorial de personalidade e do modelo teórico de Eysenck. Eysenck (1967; 1981) acredita que a personalidade adulta resulta de uma variação de três dimensões biologicamente influenciadas: extroversão, neuroticismo e psicoticismo. Indivíduos altos em extroversão são caracterizados pelo autor como sendo sociáveis, assertivos, animados e aventureiros; indivíduos altos em neuroticismo são caracterizados como sendo ansiosos, deprimidos, emocionais e tendo baixa auto-estima; e, por fim, indivíduos altos em psicoticismo são caracterizados como sendo agressivos, anti-sociais, egocêntricos e criativos (Eysenck, 1967).

O EPQ é composto por 90 itens, sendo que 23 são usados para avaliar Neuroticismo; 21 avaliam Extroversão; 25 avaliam Psicoticismo e 21 compõem uma escala de mentira. Para este estudo, foi editada uma versão reduzida do instrumento total, contendo apenas os itens utilizados para a avaliação de Neuroticismo. Os itens da escala são apresentados na forma de perguntas, e as respostas devem ser dadas na forma dicotômica (“sim” e “não”). Todos os itens apontam para o mesmo sentido, sendo que a soma dos itens marcados representa um indicador de severidade para tal fator.

Inventário de Ansiedade de Beck (BAI).

O Fator Neuroticismo / Estabilidade emocional, tanto pela sua definição a partir dos CGF, quanto pela definição de Eysenck (1967), apresenta um conjunto de itens que usualmente são identificados como indicadores de ansiedade.

A ansiedade tem sido estudada por diferentes abordagens e métodos, e seus modelos explicativos variam desde propostas puramente biológicas até explicações psicológicas para tal fenômeno. Spielberger (1972) tem trabalhado com ansiedade em dois diferentes domínios: ansiedade estado e traço. Ansiedade estado é transitória, relacionada a uma situação emocional incômoda, a uma situação específica, variando de intensidade, percepção, tensão e ativação do SNA. Já a ansiedade traço é característica da personalidade da pessoa no que tange a perceber e lidar com o agente tensor. Indivíduos com este tipo têm pensamentos e lembranças que geram reações ansiosas de estado mais intensas e com mais frequência. Estas pessoas são mais vulneráveis a avaliações das outras, pois são menos autoconfiantes e têm baixa autoestima.

O BAI (Beck & Steer, 1990) é uma escala composta por 21 itens que é utilizada para avaliar a severidade de quadros de ansiedade em adultos e adolescentes. Este instrumento foi desenvolvido a partir de observações clínicas e o seu objetivo principal é prover uma avaliação diagnóstica. Contudo, também tem sido amplamente utilizado em pesquisas, para avaliar de que forma os diversos níveis de ansiedade refletem em outras variáveis psicológicas.

O instrumento utilizado consiste em uma versão adaptada e que está sendo validado para o Brasil por Cunha, Barraz, Lemes, Prieb, Brenner, & Goulart (1995) e apresenta qualidades psicométricas semelhantes as do instrumento original. É importante salientar que o BAI foi desenvolvido para a avaliação de pacientes com diagnósticos psiquiátricos de ansiedade. Assim, os resultados levantados a partir da população geral devem ser tomados com cautela, não podendo servir de fonte última para a elaboração de um diagnóstico nestes sujeitos.

O BAI contém itens para avaliar vários aspectos da ansiedade, como ansiedade situacional, sintomas somáticos e cognitivos de quadros de ansiedade. O inventário apresenta uma série de assertivas sobre esses sintomas e os sujeitos devem assinalar, em uma escala, o grau de intensidade que sofrem com estes.

Inventário de Depressão de Beck (BDI).

Neuroticismo, tanto de acordo com o modelo dos CGF, quanto no modelo dos Três Fatores de Eysenck, apresenta um conjunto de itens que agrupam traços de personalidade que indicam uma propensão dos indivíduos à depressão. De fato, muitos estudos recentes têm sugerido que traços de personalidade são de fato um fator de predisposição para o quadro. Hircshfeld, Klerman, Lavoni, Keller, Griffith & Coryell (1989) relatam um estudo prospectivo sobre os primeiros sinais da depressão maior que mostraram elevados escores de N em indivíduos que subsequentemente desenvolveram um quadro clínico de depressão. Zonderman, Stone e Costa, citados por Trull & McCrae (1993), também mostraram que medidas simples de N funcionam como um fator de risco significativo para subsequentes diagnósticos de depressão e outras desordens psiquiátricas em uma amostra americana. Roberts e Kendler (1999) realizaram uma pesquisa para comparar a capacidade preditiva de uma escala de Neuroticismo com uma medida de Auto-estima em relação ao desenvolvimento de depressão maior. Os autores concluíram que Neuroticismo realmente é um grande fator de predição para o desenvolvimento de um quadro clínico de depressão, sendo muito mais efetiva do que a avaliação global da auto-estima.

Estes achados são compreensíveis diante do fato que N predispõe os indivíduos para experimentar afetos negativos. Em níveis moderados, N é associado com infelicidade e níveis mais baixos de satisfação de vida (Costa & McCrae, 1980). Em níveis muito altos, isso pode levar para quadros clinicamente significativos de depressão ou ansiedade.

Para verificar se o instrumento criado para avaliar Neuroticismo apresenta a relação esperada com depressão, foi escolhido o Inventário de Depressão de Beck (Beck & Steer, 1993) para a realização da administração simultânea dos dois instrumentos.

O BDI é um inventário composto por 21 itens e foi desenvolvido para avaliar a severidade de quadros de depressão em adultos e adolescentes. Da mesma forma que o BAI, este

instrumento foi desenvolvido a partir de observações clínicas e o seu objetivo principal é prover uma avaliação de pacientes que tenham o diagnóstico de Depressão. Contudo, tem sido amplamente utilizado em pesquisas, para avaliar a relação entre depressão e outras variáveis psicológicas.

O instrumento utilizado consiste em uma versão adaptada e que está sendo validado para o Brasil por Cunha, Prieb, Goulart & Lemes (1996) e apresenta qualidades psicométricas semelhantes às do instrumento original. Como o instrumento original foi desenvolvido para a avaliação de pacientes com diagnósticos psiquiátricos com depressão, seus resultados com a população geral devem ser tomados com cautela, não podendo servir de fonte última para a elaboração de um diagnóstico nestes sujeitos. Contudo, estudos recentes (Cunha, Prieb, Chioqueta e Daudt, 1997) têm demonstrado a validade de critério do BDI que, ao ser aplicado em duas amostras com quadros clínicos diferenciados e em uma terceira amostra sem nenhum transtorno aparente, foi capaz de detectar escores diferentes para cada um dos grupos. Tal pesquisa é importante não apenas por indicar a validade do instrumento, mas também por reforçar a hipótese de que a depressão, usualmente relacionada à estrutura de personalidade, dispõe-se em um contínuo que vai da normalidade à patologia. Não seria, portanto, necessário recorrer-se a modelos categóricos (que pressupõem dimensões diferentes para normalidade e patologia) para a sua adequada compreensão e avaliação.

O BDI apresenta quatro frases, dispostas em ordem crescente de severidade, para cada um de seus 21 itens. Assim, o sujeito deve assinalar a sentença que melhor descreve a intensidade de seus sentimentos em relação ao aspecto avaliado. O inventário contém itens para avaliar diferentes aspectos usualmente relacionados com a depressão, como desesperança, baixa auto-estima, culpa, ideação suicida, etc.

Bem-Estar subjetivo (BES)

Para avaliar esta variável psicológica, foi aplicada a escala de Bem Estar Subjetivo (Diener, Emmons, Larsen & Griffins, 1985), que analisa o construto a partir de três componentes: Satisfação de Vida, Afeto Positivo e Afeto Negativo. Bem Estar Subjetivo é uma importante variável psicológica que tem sido sistematicamente relacionada com Neuroticismo, dentro das pesquisas publicadas em âmbito internacional (por exemplo, Diener e Lucas, 1998).

Bem Estar Subjetivo (BES) é uma variável psicológica que se refere à forma como as pessoas vivenciam, compreendem e avaliam a sua vida de uma forma global. O construto tem tido um crescente interesse por parte dos pesquisadores nos últimos anos, e cobre estudos que têm utilizado as mais diversas nomeações, tais como felicidade, satisfação, estado de espírito, e afeto positivo. BES também é considerado uma avaliação subjetiva da qualidade de vida.

Apesar da grande quantidade de pesquisas que têm sido desenvolvidas para estudar Bem Estar Subjetivo, persiste uma discussão na literatura sobre o que determinaria e/ou potencializaria tal variável. Existe uma corrente de pesquisadores que defende a hipótese de que Bem Estar Subjetivo estaria relacionado ao conjunto dos eventos de vida experienciados pelas pessoas. Dessa forma, aqueles que vivenciaram eventos mais favoráveis teriam a tendência a interpretar os acontecimentos da sua vida de uma forma mais positiva.

Uma outra corrente de pesquisadores defende a posição de que esta interpretação está ligada de uma forma subjacente à estrutura de personalidade. Sendo assim, aqueles que apresentam certas características de personalidade tendem a interpretar os eventos nas suas vidas de uma forma mais positiva que aqueles que não as apresentam. Assim, a própria descrição dos eventos do seu passado seria modulada por estas características de personalidade, tendendo a torná-las mais construtivas e positivas ou negativas e sem sentido.

Hutz & cols. (1999) realizaram uma pesquisa com o objetivo de verificar se a primeira hipótese – de que os eventos de vida têm grande influência no BES – era confirmada. Contudo, foi verificada uma pequena associação entre Bem Estar Subjetivo e o conjunto de eventos de vida experienciados pelos participantes.

Por outro lado, Costa e McCrae (1980) examinaram a ligação entre personalidade e bem-estar concorrentemente e ao longo de um intervalo de 10 anos. Eles avaliaram a personalidade com uma variedade de inventários, focalizando especificamente os traços de Extroversão e Neuroticismo. Além disso, utilizaram-se de múltiplas medidas de bem-estar, incluindo desesperança, segurança pessoal, e satisfação de vida para avaliar este atributo psicológico. Tanto na pesquisa longitudinal quanto na pesquisa transversal, Extroversão relacionou-se com Afeto Positivo, enquanto Neuroticismo apresentou uma relação com afeto negativo. Adicionalmente, Satisfação de Vida, que é considerado o componente cognitivo de BES, apresentou uma grande correlação com Neuroticismo.

As escalas utilizadas para avaliar BES foram adaptadas e validadas para o uso no Brasil por Hutz & Giacconi (1997), e compreendem avaliações de Afeto Positivo, Afeto Negativo e Satisfação de Vida. As duas primeiras escalas são compostas por 20 itens cada, que são palavras que descrevem estados emocionais. Os indivíduos são requisitados a indicarem o quanto têm vivenciado tais sentimentos ou emoções na data da aplicação, em uma escala que vai de 1 (“nem um pouco”) até 5 (“extremamente”). Já a escala de Satisfação de Vida é composta por cinco frases que descrevem como o indivíduo julga a sua vida, a partir de indicadores globais. Para cada frase, é apresentada uma escala *Likert* de 7 pontos, sendo que quanto maior for a concordância com a frase, maior será a pontuação a ser marcada na escala.

Escala de Auto-Estima de Rosenberg

A escala de Auto-Estima de Rosenberg (1965) é a mais popular medida de auto-estima enquanto construto unidimensional, originalmente desenvolvida para adolescentes mas também usada com adultos. Ela foi o padrão em relação ao qual posteriores escalas procuraram convergência, devido a suas propriedades psicométricas. A escala original é composta por 10 itens, que avaliam componentes globais de Auto-Estima. As respostas devem ser efetuadas a partir de uma escala tipo Likert de 10 itens, com pontuação de 1 a 4, sendo que altos escores significam alta auto-estima.

A versão brasileira do instrumento foi adaptada e validada por Hutz (comunicação pessoal) e foi acrescentado um item, sendo composta, portanto, por onze itens. As respostas devem ser dadas em uma escala que avalia o nível de concordância dos participantes em relação às assertivas.

3.2.3 Procedimento

Os estudantes foram testados coletivamente, em sala de aula. Uma breve explanação foi dada sobre o objetivo do trabalho, informando que fazia parte do processo de criação de um teste psicológico no Brasil. Foi explicado que o sigilo dos resultados e o anonimato dos participantes seria mantido. A participação no estudo foi voluntária e não houve nenhum pagamento ou outras formas de indução para os participantes.

Em todas as aplicações foram administrados dois instrumentos: o questionário desenvolvido no Estudo I e algum dos instrumentos citados anteriormente. A aplicação simultânea de apenas dois testes deu-se com o objetivo de reduzir o tempo da testagem, pois a aplicação extensiva de instrumentos poderia acarretar um prejuízo na qualidade das respostas. Da mesma forma, poderia dificultar a concessão do tempo necessário para a aplicação, junto com os professores.

Dois exemplos foram dados com o objetivo de instruir os participantes sobre a utilização correta das escalas tipo Likert dos instrumentos. As escalas eram ancoradas nas extremidades, sendo que o maior valor (7 para algumas escalas, 5 para outras) significava que o participante identificava-se plenamente que a sentença ou com o item; “1” significava que o item definitivamente não descrevia uma característica sua.

Foi solicitado aos participantes deste estudo consentimento informado, obedecendo as regras de conduta ética na pesquisa com seres humanos. Aos estudantes que desejaram, foi oferecida uma devolução da avaliação realizada a partir de seus questionários. Para tanto, foi pedido que preenchessem um campo específico, onde registraram seu número de matrícula ou CPF, possibilitando assim a posterior identificação dos questionários correspondentes. Todas as medidas necessárias para assegurar o sigilo e a confidencialidade dos dados foram tomadas.

3.2.4 Resultados e Discussão

A Tabela 7 contém as correlações encontradas entre a escala geral do Fator N, bem como as suas sub-dimensões N1, N2, N3 e N4 com as escalas de Bem Estar Subjetivo, Inventário de Depressão de Beck, Inventário de Ansiedade de Beck e Auto-estima de Rosenberg.

É possível observar uma alta correlação entre a escala geral do Fator N e a escala de Neuroticismo do EPQ ($r = 0,82$; $p < 0,01$), resultado este que vai ao encontro dos pressupostos teóricos, uma vez que trata-se virtualmente do mesmo construto. Tal resultado é de extrema importância, uma vez que representa uma indicação de validade concorrente do instrumento criado no Estudo I e por si só já é uma forte indicação que o instrumento está avaliando o construto esperado. Tal resultado vai ao encontro dos resultados obtidos por Costa & McCrae (1995), que identificaram uma relação direta do Fator Neuroticismo dentro do modelo de Eysenck e o Fator N dos CGF.

Contudo, observando-se as correlações entre as sub-escalas do Fator N e Neuroticismo do EPQ, é possível evidenciar-se que as maiores correlações ocorreram com as sub-escalas que avaliam ansiedade, depressão e, em seguida, vulnerabilidade. Tal padrão de correlações é importante pois indica quais são as facetas de Neuroticismo que foram priorizadas na escala construída por Eysenck.

Não foi observada uma correlação significativa entre Desajustamento Psicossocial (N2) e a escala de Neuroticismo do EPQ. Tal resultado é compreensível, uma vez que as características que estão relacionadas com N2 foram agrupadas por Eysenck no terceiro fator de seu modelo de personalidade, Psicoticismo.

O inventário de ansiedade de Beck também apresentou uma correlação alta com a escala geral do Fator N ($r = 0,49$; $p < 0,01$). Tal resultado também é compatível com os resultados usualmente listados na literatura. É possível observar que a maior correlação do BAI e as sub-

escalas do Fator N foi com N3 ($r = 0,49$; $p < 0,01$), que agrupa os itens característicos para avaliar instabilidade emocional e ansiedade, o que confirma a natureza deste sub-fator. Também verifica-se uma alta correlação com N4 ($r = 0,46$; $p < 0,01$), que é a escala que agrupa itens que relacionam-se com depressão. Tal resultado pode ser compreendido teoricamente pela forte associação entre os dois construtos, que reflete-se na usual comorbidade clínica entre os quadros. A escala de vulnerabilidade apresentou uma correlação baixa, apesar de significativa, com o BAI ($r = 0,38$; $p < 0,05$) e a escala de Desajustamento Psicossocial não se correlacionou com este instrumento.

O inventário de depressão de Beck, conforme esperado, apresentou uma correlação alta e significativa com a escala geral do Fator N ($r = 0,74$; $p < 0,01$). Tal resultado é de grande importância e representa uma boa evidência da validade concorrente da escala construída. De acordo com a literatura internacional, a escala de Neuroticismo representa um instrumento adequado para a avaliação de nível de depressão, representando um bom preditor para o desenvolvimento de depressão maior (por exemplo, Wiggins & Pincus, 1993; Roberts & Kendler, 1999). Pode-se observar a alta correlação que foi encontrada entre o BDI e a escala de depressão do instrumento desenvolvido ($r = 0,70$; $p < 0,01$), o que indica que esta sub-escala está aparentemente avaliando corretamente este construto. Também foram obtidas altas correlações entre o BDI, a escala de Vulnerabilidade ($r = 0,61$; $p < 0,01$) e Ansiedade ($r = 0,56$; $p < 0,01$). Tais resultados são compatíveis com os citados listados na literatura internacional e são interessantes por demonstrar a importância da Vulnerabilidade (que apresenta muitos itens de auto-estima) para explicar Depressão.

Trull & McCrae (1993) destacam depressão e ansiedade, dentro das sub-dimensões de Neuroticismo, por representar importantes atributos emocionais associados com diversos transtornos de personalidade diagnosticados a partir de sistemas categóricos (como o DSM-IV, por exemplo). Esta colocação salienta ainda mais a importância dessas escalas e dá indi-

cações da necessidade de pesquisas para verificar a validade de critério não só destas subdimensões, mas de toda a escala para avaliar o Fator N.

A escala de auto-estima de Rosenberg apresentou um padrão de associação bastante interessante com a escala geral do Fator N e seus sub-fatores. A alta correlação negativa do instrumento de Rosenberg com a escala geral de N era esperada ($r = -0,60$; $p < 0,01$) e faz sentido: pessoas que são altas em Neuroticismo tendem a ter uma avaliação mais depreciativa de si mesmo, pois tendem ter altos níveis de depressão, de vulnerabilidade e ansiedade. Também apresentou altas correlações negativas com a escala de depressão ($r = -0,66$; $p < 0,01$) e vulnerabilidade ($r = -0,62$; $p < 0,01$). Pode ser observada uma pequena correlação entre auto-estima e ansiedade ($r = -0,41$; $p < 0,01$).

A avaliação das relações entre o instrumento para avaliar o Fator N e suas subdimensões com as escalas de Bem Estar Subjetivo apresentaram importantes resultados. É possível verificar que Satisfação de Vida (considerado componente cognitivo de BES) apresentou uma alta correlação com a escala geral de N ($r = -0,52$; $p < 0,01$), com N4 ($r = -0,59$; $p < 0,01$) e N1 ($r = 0,42$; $p < 0,01$). Tal padrão de correlações é de grande importância teórica, pois reproduz os resultados obtidos por Diener e Lucas (1998) que indicam a grande importância das características de personalidade em relação a este componente do BES.

Também foram obtidas correlações significativas entre Afeto Negativo (um dos componentes emocionais de BES) e a o Fator N ($r = 0,47$; $p < 0,01$), N1 ($r = 0,50$; $p < 0,01$), N3 ($r = 0,39$; $p < 0,01$) e N4 ($r = 0,37$; $p < 0,01$). Estes resultados, assim como as pequenas correlações encontradas entre Afeto Negativo e todas as sub-escalas do Fator N, reproduzem os resultados listados na literatura da área.

3.2.5 Outras evidências de validade

Como foi mencionado anteriormente, aqueles participantes que desejassem ter uma devolução sobre seus questionários deveriam identificá-los com seu número de matrícula, CPF, ou qualquer outro número que permitisse uma fácil memorização. Este dado foi importante para a pesquisa pois foi possível comparar os escores das pessoas que preencheram este campo para identificação com aqueles que não o fizeram. Não foi encontrada nenhuma diferença significativa entre esses participantes, o que indica que os questionários foram respondidos com alguma responsabilidade (partimos da premissa que aqueles que desejavam devolução responderiam as questões adequadamente).

Àquelas pessoas que efetivamente pediram devolução, foi marcado um horário para a realização de um encontro, no qual foi realizada uma entrevista e foi explicado o resultado que obtiveram no questionário. Até o momento, tal procedimento foi realizado com oito pessoas, o que não permite chegar a dados conclusivos sobre a adequação do instrumento para levantar diferentes quadros psicológicos (validade de critério).

Contudo, é importante relatar que dos oito participantes que solicitaram devolução, quatro obtiveram altos escores em algumas das dimensões do Fator N (percentis maiores que 70) e um teve seus resultados com percentil 90 em todas as escalas. Nos quatro primeiros casos, após seus relatos, foi concluído que era recomendado o encaminhamento para o atendimento psicológico. No último caso, o participante relatou ser paciente psiquiátrico, com diagnóstico de Transtorno Bipolar.

Tais informações, como já foi referido, não podem ser tomadas como conclusivas sobre a validade do instrumento elaborado, mas sugerem que este apresenta uma qualidade discriminativa razoável.

Tabela 7 – Correlações entre as escalas do Fator N e outros testes psicológicos

	Fator N	N1	N2	N3	N4
EPQ	0,82* N =64	0,63* N =69	0,16 N =69	0,72* N =69	0,54* N =66
Satisfação Vida	- 0,52* N =161	- 0,42* N =169	- 0,25* N =171	- 0,34* N =165	- 0,59* N =169
Afeto Positivo	- 0,25* N =161	- 0,29* N =169	0,04 N =171	- 0,08 N =165	- 0,36* N =169
Afeto Negativo	0,47* N =161	0,40* N =169	0,23* N =171	0,39* N =165	0,37* N =169
BAI	0,49* N =51	0,38* N =51	0,07 N =51	0,49* N =53	0,46* N =52
BDI	0,74* N =48	0,61* N =53	0,28 N =52	0,56* N =50	0,70* N =51
Rosenberg	- 0,60* N =81	- 0,62* N =86	- 0,17 N =91	- 0,41* N =91	- 0,66* N =90

* p < 0,01

+ p < 0,05

IV CONCLUSÕES

O Estudo I permitiu verificar que a escala criada apresenta boas qualidades psicométricas, o que indica a sua adequação para a avaliação psicológica. As análises fatoriais agruparam os itens em sub-escalas que fazem sentido teórico e vão ao encontro dos resultados usualmente listados na literatura internacional. É importante, contudo, salientar que a escala de Neuroticismo do NEO-PI, que é atualmente o teste de personalidade mais utilizado para avaliar os CGF, é composta por seis sub-fatores: ansiedade, hostilidade, depressão, auto-crítica, impulsividade e vulnerabilidade. Não há nenhum motivo teórico para considerar-se a solução de seis dimensões melhor ou pior que a de quatro sub-fatores. Contudo, na medida em que uma grande produção científica tem sido feita a partir da solução utilizada no NEO-PI, pode-se pensar que um instrumento com fatores semelhantes daria uma maior contribuição à psicologia brasileira.

Na verdade, fica evidente que as sub-dimensões de Neuroticismo utilizadas pelo NEO-PI não foram diretamente encontradas no Estudo I pelo método de produção de itens que foi adotado. Este priorizou a representação das diversas facetas do construto coberto por Neuroticismo, a partir do levantamento de um vasto conjunto de pesquisas relacionando este fator com outras variáveis psicológicas (que foram reproduzidas no Estudo II). Contudo, é possível observar que as escalas de depressão e ansiedade do instrumento criado no Estudo I correspondem diretamente às escalas do NEO-PI. Houve um agrupamento das dimensões vulnerabilidade e autocrítica no instrumento criado, na forma de N1 – “Vulnerabilidade”. Por fim, as dimensões de Impulsividade e Hostilidade do NEO-PI ficaram agrupadas no instrumento criado na forma de N2 – Desajustamento Psicossocial.

Apesar dessas diferenças estruturais entre o instrumento elaborado e o NEO-PI, os padrões de correlações que foram conseguidos no Estudo II indicam que a solução encontrada

em quatro sub-dimensões é útil e o instrumento é capaz de prover importantes informações sobre os atributos de personalidade relacionados com Neuroticismo.

Como já foi mencionado anteriormente, os resultados dos participantes que solicitaram a devolução de seus questionários indicou que o instrumento elaborado foi capaz de detectar diferentes demandas, a partir da variação de seus cinco escores (escala total e suas quatro sub-dimensões). Tal resultado não é conclusivo, no entanto, sendo que se faz necessária a realização de uma ampla pesquisa para verificar a validade de critério do instrumento. Para tanto, diversas coletas, com amostras de pessoas com diferentes quadros clínicos diagnosticados, devem ser realizadas e seus resultados comparados entre si e com a população geral.

Tal procedimento só faz algum sentido teórico e metodológico a partir da postura que se está assumindo: que as desordens de personalidade refletem diferenças quantitativas na manifestação ou na severidade de traços de personalidade normal (característicos dos modelos dimensionais). É adotada a posição que traços de personalidade levados ao extremo ou excessivos caracterizam as desordens de personalidade. Contudo, não é sugerido que aqueles que têm escores extremos em uma escala de personalidade terão necessariamente o diagnóstico de transtorno de personalidade. É apenas pontuado que escores extremos podem indicar que os indivíduos apresentam riscos de certas desordens de personalidade (Widiger e cols., 1993). Dentro deste contexto, a adoção de uma taxonomia de personalidade como uso de uma estrutura de referência torna-se uma tarefa necessária, se não fundamental.

Também é importante pontuar que a avaliação apenas de Neuroticismo, dentro do modelo dos CGF, não é capaz de prover informações suficientes e conclusivas sobre qualquer tipo de diagnóstico, orientação clínica ou critério para inclusão ou exclusão das pessoas avaliadas à qualquer tipo de atividade. O instrumento elaborado, mesmo que já estivesse contando com amostras representativas da população brasileira, abarcando diferentes idades, realidades sociais e culturais, não deixaria de ser uma avaliação parcial da personalidade humana. É ne-

cessário ainda um grande trabalho no sentido de obter normas para o instrumento na população brasileira e em grupos específicos e, adicionalmente, faz-se necessária a realização de pesquisas semelhantes, com o intento de construir escalas para os demais fatores deste Modelo de Personalidade.

REFERÊNCIAS

- American Psychiatric Association (1994). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (4ª edição). Washington, DC: APA.
- Beck, A. T. & Steer, R. A. (1993). *Beck Depression Inventory: Manual*. San Antonio, TX: Psychological Corporation.
- Beck, A. T. & Steer, R. A. (1990). *Beck Anxiety Inventory: Manual*. San Antonio, TX: Psychological Corporation.
- Birenbaum, M. & Montag, I. (1986). On the location of the sensation seeking construct in the personality domain. *Multivariate Behavioral Research*, 21, 357-373.
- Bond, M. H. (1979). Dimensions of personality used in perceiving peers: Cross-cultural comparisons of Hong Kong, Japanese, American, and Filipino university students. *International Journal of Psychology*, 14, 47-56.
- Bond, M. H., Nakazatu, H., & Shiraishi, D. (1975). Universality and distinctiveness in dimensions of Japanese person perception. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 6, 346-357.
- Borkenau, P., & Ostendorf, F. (1990). Comparing exploratory and confirmatory factor analysis: A study on the 5-factor model of personality. *Personality and Individual Differences*, 11, 515-524.
- Briggs, S. R. (1992). Assessing the Five-Factor Model of Personality Description. *Journal of Personality*, 60, 253-293.
- Cattell, R. B. (1946). *The description and measurement of personality*. Yonkers, NY: World Books.
- Cattell, R. B. (1966). The meaning and strategic use of factor analysis. Em R. B. Cattell (Org.), *Handbook of multivariate experimental psychology* (pp. 174 – 243). Chicago: Rand McNally.

- Costa, P. T., Jr., & McCrae, R. R. (1985). *The NEO Personality Inventory manual*. Odessa, FL: Psychological Assessment Resources.
- Costa, P. T., Jr., & McCrae, R. R. (1980). Constancy of adult personality structure in males: Longitudinal, Cross-sectional and times-of-measurement analyses. *Journal of Gerontology*, 35, 877-883.
- Costa, P. T., Jr., & McCrae, R. R. (1992). *Revised NEO Personality Inventory (NEO-PI-R) and NEO Five-Factor Inventory (NEO-FFI) professional manual*. Odessa, PL: Psychological Assessment Resources.
- Costa, P. T., Jr., & McCrae, R. R. (1995) Primary Traits of Eysenck's P-E-N System: Three- and Five- Factor Solutions. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69, 308-317.
- Costa, P. T., Jr., & Widiger, T. A. (1993). Introduction. Em P. T. Costa, & T. A. Widiger, (Orgs.), *Personality Disorders and the Five-Factor Model of Personality* (pp. 1-10). Whashington, DC: American Psychological Association.
- Cunha, J. A., Barraz, A. C. G., Lemes, R. B., Prieb, R. G. G., Brenner, M. K. & Goulart, P. M. (1995). Notas preliminares de um estudo sobre depressão e ansiedade em estudantes universitários. *Psico*, 26 (1): 143-150.
- Cunha, J. A., Prieb, R. G. G., Goulart, P. M., & Lemes, R. B. (1996). O uso do inventário de Beck para avaliar depressão em universitários. *Psico*, 27 (1), 107-115.
- Cunha, J. A., Prieb, R. G. G., Chioqueta, A. P., Daudt, P. E. (1997). Estudo sobre a validade discriminativa do BDI na versão em português [Resumo]. Em Sociedade Interamericana de Psicologia (Org.), *Resumos, XXVI Congresso Interamericano de Psicologia* (p. 407). São Paulo: SP.
- DeNeve K. M, Cooper H. (1998). The happy personality: A meta-analysis of 137 personality traits and subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 124, 197-229.

- Diener, E., Emmons, R. A., Larsen, R. J. & Griffin, S. (1985). The satisfaction with life scale. *Journal of Personality Assessment*, 49, 71 – 75.
- Diener, E. & Lucas R. E. (1998). Personality and Subjective Well-Being. Em D. Kahneman, E. Diener, , & N. Schwarz, (Orgs.). *Hedonic Psychology: Scientific perspectives on enjoyment, suffering, and well-being*. New York: Rusell Sage.
- Digman, J. M (1993). Historical Antecedents of the Five-Factor Model. Em P. T. Costa, & T. A. Widiger, (Orgs.), *Personality Disorders and the Five-Factor Model of Personality* (pp. 13-18).Washington, DC: American Psychological Association.
- Digman, J. M. (1990). Personality structure: The emergence of the Five-Factor Model. *Annual Review of Psychology*, 41, 417-440.
- Eysenck, H. J. (1967). *The biological bases of personality*. Springfield, IL: Charles C. Thomas.
- Eysenck, H. J. (1981). *A model for personality*. New York: Springer Verlag.
- Goldberg, L. R. (1981). Language and individual differences: The search for universals in personality lexicons. Em L. Wheeler (Org.), *Review of personality and social psychology* (pp. 141-165). Beverly Hills, CA: Sage.
- Goldberg, L. R. (1982). From ace to zombie: Some explorations in the language of personality. Em C. D. Spielberger & J. N. Butcher (Orgs.), *Advances in personality assessment* (Vol. 1, pp. 203-234). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Goldberg, L. R. (1990). An alternative "Description of Personality": The Big-Five factor structure. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59, 1216-1229.
- Goldberg, L. R. (1992). The development of markers for the Big-Five factor structure. *Psychological Assessment*, 4, 26-42.
- Gurthie, G. M. & Bennet, A. B., Jr. (1971). Cultural differences in implicit personality theory. *International Journal of Psychology*, 6, 305 – 312.

- Hirschfeld, R. M., Klerman, G., Lavoni, P., Keller, M. B., Griffith, P., & Coryell, W. (1989). Premorbid personality assessments of first onset of major depression. *Archives of General Psychiatry*, 46, 345-350.
- Hogan, R. (1983). Socioanalytic theory of personality. Em M. M. Page (Org.), *1982 Nebraska Symposium on Motivation: Personality - Current Theory and Research* (pp. 55-89). Lincoln, NE: University of Nebraska Press.
- Hutz, C. S., Giacomoni, C. H. (1997). A mensuração do Bem-Estar Subjetivo: Escala de Afeto Positivo e Negativo e Escala de Satisfação de Vida [Resumo]. Em Sociedade Interamericana de Psicologia (Org.), *Resumos, XXVI Congresso Interamericano de Psicologia* (p. 313). São Paulo: SP.
- Hutz, C. S., Nunes, C. H. S. S., Serra, J., Silveira, A. D., Anton, M. (1998). O Desenvolvimento de Marcadores para a Avaliação da Personalidade no Modelo dos Cinco Grandes Fatores. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11, 395 - 410.
- Hutz, C. S., Nunes, C. H. S. S., Serra, J., Silveira, A. D., Anton, M. (1999). Relações entre Bem Estar Subjetivo e Características de Personalidade [Resumo]. Em Instituto Brasileiro de Avaliação e Pesquisa em Psicologia (Org.), *Programa e Posters, VIII Congresso Nacional de Avaliação Psicológica* (p. 15). Porto Alegre: RS.
- John, O. P., Angleitner, A., & Ostendorf, F. (1988). The lexical approach to personality: A historical review of trait taxonomic research. *European Journal of Personality*, 2, 171-203.
- John, O. P. (1990). The “Gig Five” factor taxonomy: Dimensions of personality in the natural language and in questionnaires. In L. Pervin (Ed.), *Handbook of personality theory and research* (pp. 66-100). New York: Guilford.
- Kaiser, H. F. (1960). The application of electronic computers to factor analysis. *Educational and Psychological Measurement*, 20, 141 – 151.

- Marx, M. H. & Hillix, W. A. (1973). *Sistemas e Teorias em Psicologia*. São Paulo: Cultrix.
- McCrae, R. R. & John, O. P. (1992). An introduction to the Five-Factor Model and its applications. *Journal of Personality*, 60, 175-216.
- McCrae, R. R. & Costa, P. T. (1997). Personality Trait Structure as a Human Universal. *American Psychologist*, 52, 509-516.
- Medvedova, L. (1998). Personality dimensions - "Little five" - And their relationships with coping strategies in early adolescence. *Studia Psychologica*. 40(4), 261-265.
- Norman, W. T. (1963). Toward an adequate taxonomy of personality attributes: Replicated factor structure in peer nomination personality ratings. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 66, 574-583.
- Pasquali, L. (1999). Testes Referentes a Construto: Teoria e Modelo de Construção. In L. Pasquali (Ed.), *Instrumentos Psicológicos: Manual Prático de Elaboração* (pp. 37-71). Brasília, DF: Laboratório De Pesquisa em Avaliação e Medida – LabPAM.
- Raad, B. (1998). Five Big, Big Five Issues: Rationale, Content, Structure, Status, and Cross-cultural Assessment. *European Psychologist*, 3, 113-124.
- Roberts, S. B. & Kendler, K. S. (1999). Neuroticism and self-esteem as indices of vulnerability to major depression in women. *Psychological Medicine*. 29 (5), 1101 – 1109.
- Rosenberg, M. (1965). Society and the adolescent self image. Princeton, N. J.: *Princeton University Press*.
- Spielberger, C., D. (1972). Anxiety as an emotional state. Em C. D. Spielberger (Org.). *Anxiety: Current trends in theory and research*. New York, NY: Academic Press.
- Trull, J. T. & McCrae, R. M. (1993). A five-factor perspective on personality disorder research. Em P. T. Costa, & T. A. Widiger, (Orgs.), *Personality Disorders and the Five-*

Factor Model of Personality (pp. 1-10). Washington, DC: American Psychological Association.

Tupes, E. C., & Christal, R. R. (1961). *Recurrent personality factors based on trait ratings* (USAF ASD Tech. Rep. No. 61-97). Lackland Air Force Base, TX: U.S. Air Force.

Thurstone, L. L. (1934). Address of president before the American Psychological Association. *Psychological Review*, 41, 1-32

Watson, D. & Hubbard, B. (1996). Adaptational Style and Dispositional Structure: Coping in the Context of the Five-Factor Model. *Journal of Personality*, 64, 737-774.

Widiger, T. A. & Frances, A. J. (1993). Toward a dimensional model for the personality disorders. Em P. T. Costa & T. A. Widiger (Ed.), *Personality Disorders and the Five-Factor Model of Personality* (pp. 19 - 39). Washington, DC: American Psychological Association.

Widiger, T. A., Trull, T. J., Clarkin, J. F., Sanderson, C., Costa, P. T. (1993). A description of the DSM-III-R and DSM-IV personality disorders with the five-factor model of personality. Em P. T. Costa & T. A. Widiger (Ed.), *Personality Disorders and the Five-Factor Model of Personality* (pp. 41 - 56). Washington, DC: American Psychological Association.

Wiggins, J. S., & Pincus, A. L. (1993). Personality structure and the structure of personality disorders. Em Costa, P. T. & Widiger, T. A. (Ed.), *Personality Disorders and the Five-Factor Model of Personality* (pp. 1-10). Washington, DC: American Psychological Association.

Yang, K. & Bond, M. H. (1990). Exploring implicit personality theories with indigenous or imported constructs: The Chinese case. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 1087-1095.

ANEXO A - DESCRIÇÃO DA AMOSTRA POR CURSO

		Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual acumulado
Válidos	Psicologia	241	30,4	31,4	31,4
	Estatística	1	0,1	0,1	31,5
	Publicidade	24	3,0	3,1	34,6
	C. Sociais	2	0,3	0,3	34,9
	Engenharia	85	10,7	11,1	46,0
	R.P.	38	4,8	4,9	50,9
	Jornalismo	26	3,3	3,4	54,3
	Farmácia	3	0,4	0,4	54,7
	Arquitetura	1	0,1	0,1	54,8
	Enfermagem	36	4,5	4,7	59,5
	Odontologia	114	14,4	14,8	74,3
	Pedagogia	15	1,9	2,0	76,3
	Administração	7	0,9	0,9	77,2
	Química	5	0,6	0,7	77,9
	História	16	2,0	2,1	79,9
	Ed. Física	1	0,1	0,1	80,1
	Nutrição	106	13,4	13,8	93,9
	Biologia	24	3,0	3,1	97,0
	Cinema	1	0,1	0,1	97,1
	Fonoaudiologia	22	2,8	2,9	100,0
Total	768	97,0	100,0		
Missing System	24	3,0			
Total	792	100,0			

ANEXO B - ANOVA DOS ESCORES POR LOCAL DE APLICAÇÃO

		Soma Quadrática	df	Média Quadrática	F	Sig.
Fator N * LOCAL	Entre grupos (combinados)	12362,410	2	6181,205	1,094	0,335
	Entre Grupos	4016130,354	711	5648,566		
	Total	4028492,763	713			
N1 * LOCAL	Entre grupos (combinados)	2679,212	2	1339,606	2,150	0,117
	Entre Grupos	469736,706	754	622,993		
	Total	472415,918	756			
N2 * LOCAL	Entre grupos (combinados)	563,507	2	281,754	2,712	0,067
	Entre Grupos	79278,404	763	103,904		
	Total	79841,911	765			
N3 * LOCAL	Entre grupos (combinados)	250,897	2	125,448	0,255	0,775
	Entre Grupos	369452,819	750	492,604		
	Total	369703,716	752			
N4 * LOCAL	Entre grupos (combinados)	1932,322	2	966,161	2,696	0,068
	Entre Grupos	270242,742	754	358,412		
	Total	272175,065	756			

ANEXO C - ANOVA DOS ESCORES DAS ESCALAS POR SEXO

		Soma Quadrática	df	Média Quadrática	F	Sig.
Fator N	Entre grupos (combinados)	65754,407	1	65754,407	11,738	0,001
	Entre Grupos	3887834,352	694	5602,067		
	Total	3953588,759	695			
N1	Entre grupos (combinados)	1614,070	1	1614,070	2,574	0,109
	Entre Grupos	461463,758	736	626,989		
	Total	463077,828	737			
N2	Entre grupos (combinados)	2495,348	1	2495,348	25,215	0,000
	Entre Grupos	73827,544	746	98,965		
	Total	76322,892	747			
N3	Entre grupos (combinados)	11378,500	1	11378,500	23,919	0,000
	Entre Grupos	348696,621	733	475,712		
	Total	360075,121	734			
N4	Between Groups	72,074	1	72,074	0,199	0,656
	Within Groups	267132,256	737	362,459		
	Total	267204,330	738			

ANEXO D - TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Prezado estudante,

Estamos realizando uma pesquisa com o objetivo de construir um instrumento para a avaliação da personalidade no Brasil. Solicitamos sua colaboração, respondendo aos itens abaixo. Não há respostas certas ou erradas, mas sua sinceridade é fundamental. Lembramos que as suas respostas serão mantidas em sigilo, sendo apenas utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa.

Em nenhum momento ao longo do desenvolvimento da pesquisa os participantes serão identificados de nenhuma forma. A sua participação é voluntária, podendo o participante encerrar a sua colaboração em qualquer momento que desejar. Será requisitado àqueles participantes que desejam uma devolução em relação ao material que estão respondendo que preencham o campo adequado com o número da sua carteira de identidade ou CPF. A devolução dar-se-á a partir de um mês da data da aplicação do questionário.

Se tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, o participante pode procurar os coordenadores desta pesquisa na Rua Ramiro Barcelos, 2600 - Sala 113, ou pelo fone 316.5446.

Desde já, agradecemos a sua participação.